



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (ICH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**Um Exercício da Alternância Pedagógica no PA Castanhal Araras:
Memórias e Reflexões sobre Leitura, na Escola José Cordeiro da Silva**

CLEINA SOUZA DA SILVA

MARABÁ/PA
AGOSTO/2019

CLEINA SOUZA DA SILVA

**Um Exercício da Alternância Pedagógica no PA Castanhal Araras:
Memórias e Reflexões sobre Leitura, na Escola José Cordeiro da Silva**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Educação do Campo, ênfase
Letras e Linguagens, da Universidade Federal do Sul
e Sudeste do Pará.

Orientador: Prof^o Hiran de Moura Possas

Defesa pública em: 29/08/19

Banca examinadora:

Prof^o Hiran de Moura Possas (Orientador)

Prof^a Maria Cristina Macedo Alencar

Prof^a Maria Neuza da Silva Oliveira

MARABÁ/PA
AGOSTO/2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa

Silva, Cleina Souza da

Um exercício da alternância pedagógica no PA Castanhal Araras: memórias e reflexões sobre leitura, na Escola José Cordeiro da Silva / Cleina Souza da Silva ; orientador, Hiran de Moura Possas. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Educação rural - Aspectos sociais - São João do Araguaia (PA). 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 3. História oral - São João do Araguaia (PA). 4. Assentamentos humanos. I. Possas, Hiran de Moura, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 370.19346098115

Elaborada por Alessandra Helena da Mata Nunes - CRB2/586

Que poesia daria conta de traduzir a conflituosa
Tarefa de educar?
Que poética se faz necessária, para revirar a escola, a colorindo com os questionamentos da
infância,
A irreverência da juventude e as incertezas
De toda uma vida?
Que disputas ocupam o universo escolar?
Quem determina os caminhos?
Que realidade concreta o conhecimento produzido
Tem ajudado a desvelar?
Quais os sacrifícios necessários
Aos educadores que ensinam:
Que conhecimento não deve ser reproduzido,
Que a escola deve estar em movimento,
Que saber deve desvendar o desconhecido,
E que o mundo precisa ser reconstruído?
Desejo uma poética escolar, feita de povo,
Consciência e multidão.
Capaz de inquietar a escola e provocar
Mudanças na educação.

Diva Lopes

“Ao meu bondoso Deus, que sempre me deu força o suficiente para resistir.
Aos meus pais,
Francisco Napoleão da Silva e Maria das Graças da Silva, pela a educação que me
deste, ensinando-me a conquistar e realizar meus sonhos.
Ao meu filho Carlos Eduardo, que foi e sempre será incentivo para não desistir desses
sonhos.
Aos meus irmãos, que sempre estão ao meu lado quando necessito.
E por fim, ao meu orientador e amigo, pelo o apoio e pelas palavras de incentivo,
ajudando-me e compartilhando sua sabedoria”

Dedico.

AGRADECIMENTOS

No final dessa jornada, quero agradecer imensamente às pessoas que contribuíram no decorrer de todo o curso.

Ao meu Deus, que me deu o dom da vida e sempre me deu força para correr atrás dos meus sonhos fazendo-me conquistar os objetivos com garra, coragem e competência.

Aos meus pais, Francisco Napoleão da Silva e Maria das Graças da Silva, por me amar incondicionalmente, com muita paciência e dedicação. Pela graça da vida e por ter me pegado no colo quando necessitei e me fazer dormir. Por sempre incentivar meus sonhos, ajudando-me a realizá-los.

Ao meu orientador e amigo professor Hiran de Moura Possas, por me ajudar na construção desse trabalho com sua sabedoria de vários anos de estudo e por não me deixar desistir dos meus objetivos, sempre estando à disposição nas horas de dúvidas.

Ao corpo docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA.

Aos meus irmãos e irmãs, por estarem ao meu lado sempre quando necessito, ajudando-me nos momentos mais difíceis. Em especial – a Keila Sousa da Silva, que sempre me ajudou nos Tempos Comunidades e colaborou durante todo o curso.

Ao meu sobrinho, Lucas Mateus Santos da Silva, meu companheiro dos Tempos Comunidades, por suas ideias e companheirismo.

Aos meus amigos, pelo apoio que me deram nos momentos que mais precisei.

Ao meu filho, Carlos Eduardo Silva de Souza, que me incentivou a buscar os meus sonhos e nunca ficar na mesmice. Por seu amor e carinho, nunca irei desistir dos meus objetivos.

Os demais familiares, pelo companheirismo.

As colegas do curso - em especial, Alan Leite da Silva, Aldenir Rodrigues dos Santos, Ana Ruth Carvalho, Angela Carla Saraiva Ferreira, Eliane Vieira dos Santos, Eliane Cristina dos Santos, Dayane Nascimento da Silva, Jessica Maria da Conceição Campelo, Gláucia Helena Vieira da Silva, Maria de Lourdes dos Reis Neris, Maria Ionete da Silva Santos, Maria Lucimar Ramos da Silva, Maria Ribamar Rosa Martins, Lucélia Monteiro Dantas, João Máximo Conceição, Francisco Mateus de Almeida Bezerra, Priscila Cadeira Sousa, Rainara

Barbosa da Silva, pelos os anos que passamos juntos, de muita luta, trabalho e dedicação. Pelo o apoio nas horas difíceis e ajuda no decorrer do Curso.

Aos demais amigos e colegas do curso de Licenciatura em Educação do Campo (2015) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA.

A Linda Soares, diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Cordeiro da Silva, por abrir as portas da escola para realização deste trabalho e acreditar no meu potencial como aluna e professora, para juntamente com a comunidade pensarmos em um mundo mais justo.

A Raimunda Luisa, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Cordeiro da Silva, pelos conselhos e dicas para realização dos estágios.

Aos demais professores e funcionários da Escola José Cordeiro da Silva, que ajudaram direta ou indiretamente na realização da pesquisa.

As pessoas da comunidade, principalmente os entrevistados, que abriram as portas de suas casas e me ajudaram com suas experiências de vida e de luta, auxiliando no desenvolvimento dessas atividades.

A todos, muito obrigada pela contribuição na realização desta pesquisa.

SIGLAS

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PA – Projeto de Assentamento

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PPP – Projeto Político Pedagógico

PPC- Projeto Pedagógico do Curso

TC- Tempo Comunidade

TU- Tempo Universidade

RL- Reserva Legal

APP- Áreas de Preservação Permanente

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UNIFESSPA- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Chegada das famílias no assentamento-----	p. 17
Figura 2. Reuniões realizadas na escola-----	p. 17
Figura 3 Pessoal da saúde fazendo o exame de malária-----	p. 18
Figura 4 Posto de saúde hoje em dia-----	p. 18
Figura 5, 6 Delegacia sindical antes e depois na comunidade-----	p. 18
Figura 7, 8 Produção do cupuaçu antigamente e atualmente-----	p. 19
Figura 9, 10 Escola José Cordeiro na comunidade-----	p. 22
Figura 11. Brincadeira “salada de frutas” em sala de aula-----	p. 28
Figura 12. Alunos fazendo a atividade na cartolina-----	p. 29
Figura 13. Apresentação dos trabalhos dos alunos-----	p. 29
Figura 14 Alunos escrevendo as receitas no caderno-----	p. 30
Figura 15, 16. Explicação da matemática dentro do gênero textual: receita culinária-----	p. 31
Figura 17, 18, 19, 20. Culminância do projeto, realizando a pratica das receitas-----	p. 32
Figura 21, 22. Livro didático aplicado na escola, 2017-----	p. 35
Figura 23, 24, 25, 26. Conteúdos, Explicações, Atividades realizadas pelos alunos, 2017----- -----	p. 36
Figura 27. Atividade passada no quadro branco para os alunos, 2017-----	p. 40
Figura 28. Livro didático aplicado na escola, 2017-----	p. 41
Figura 29, 30. História em quadrinhos realizada pelos os alunos, 2017-----	p. 42
Figura 31, 32. Visita ao sitio de cupuaçu e processo de corte da fruta, 2017-----	p. 43
Figura 33, 34. Livro didático aplicado na escola do Ensino Médio, 2018-----	p. 45
Figura 35, 36. Gráficos das localidades atendidas pela escola e a quantidades de alunos por pólo-----	p. 50
Figura 37. Alunos realizando as atividades propostas em sala de aula-----	p. 53
Figura 38. Contação de História em sala de aula com o Sr. Raimundo-----	p. 53

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo contribuir no processo de leitura e escrita de alunos, pensando propostas pedagógicas, a partir de narrativas da comunidade. Um fazer valorizando a história local por meio de algumas memórias, tematizando a luta pela terra, migração, educação, saúde e produção na comunidade do PA Castanhal Araras. As narrativas foram colhidas no decorrer do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Tivemos como problema de pesquisa as dificuldades que os alunos demonstravam na leitura e escrita. Supomos que essas questões são motivadas pelo pouco estímulo à leitura e a falta de adequação do currículo de Língua Portuguesa à realidade dos estudantes da E.M.E.F. José Cordeiro da Silva, localizada no PA Castanhal Araras. A pesquisa também, em exercício de memória, relata algumas situações dos estágios realizados na referida escola. A metodologia utilizada na pesquisa foi análise e sistematização de experiências compartilhadas pelos moradores, a partir das entrevistas realizadas no decorrer dos Tempos Comunidades do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. E com os resultados alcançados, pretendemos deixar um legado que valorize a história local, auxiliando no ensino aprendizagem do aluno, assim como socializamos a experiência vivida no processo de alternância pedagógica, Faculdade de Educação do Campo.

Palavras chaves: Memórias; Educação do Campo; PA Castanhal Araras; E.M.E.F. José Cordeiro da Silva

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Histórico do Projeto de Assentamento Castanhal Araras e da E.M.E.F. José Cordeiro da Silva	15
1.1 Os Narradores	19
1.2. Conquistas e a Construção da Escola no Assentamento.....	20
2. Uma Intervenção na Educação: Recontando as Memórias dos Estágios	24
2.1 Uma memória para pesquisadora.....	24
2.2 Relatos do 3º estágio na turma de multisserie da E.M.E.F. José Cordeiro da Silva.....	26
2.3 Estágio Observação em sala de aula da turma do 6º e 7º ano da E.M.E.F. José Cordeiro da Silva.....	33
2.4 Regência em sala de aula na turma do 6º e 7º ano da E.M.E.F. José Cordeiro da Silva.....	38
2.5 Observação em sala de aula na turma do 3º ano da E.E.E.M. DR. Abel Figueiredo.....	43
2.6 Regência em sala de aula na turma do 3º ano da E.E.E.M. DR. Abel Figueiredo.....	47
2.7 Uma proposta de diálogo com a comunidade Castanhal Araras.....	51
Conclusão	55
Referências bibliográficas	56
Apêndices	59

INTRODUÇÃO

Essa constituição de memória coletiva passa pela narrativa de um e outro, tornando, assim, essa memória como algo a ser compartilhado na forma de experiência vivida, não se tratando somente de um recontar acontecimentos do passado (...) (THOMPSON, 2017, p. 06)

O projeto de pesquisa foi desenvolvido no PA Castanhal Araras desde o 1º tempo comunidade, na escola Municipal de Ensino Fundamental José Cordeiro da Silva, município de São João do Araguaia. Busca contribuir na formação dos alunos, tendo como objetivo ajudar no processo de leitura e escrita dos alunos, trazendo como propostas pedagógicas as narrativas da comunidade, valorizando a história local por meio das memórias existentes dos pioneiros, como a luta pela terra, migração, educação, saúde e produção na comunidade.

Pois no decorrer dos tempos comunidades do curso de Licenciatura em Educação do Campo, observei que muitos alunos têm problemas que envolvem questões de leitura e escrita, como: leitura de aportes que não os estimulam, dificuldade dos professores em adequar o currículo à realidade do mesmo. Percebi também que, além disso, a escola não articula a história da comunidade dentro das propostas pedagógicas. A partir disso, podemos adequar algumas formas de ensino aprendizagem no processo educativo do aluno e criar métodos, juntamente com a gestão escolar, para praticar a leitura e a escrita dos envolvidos.

A metodologia utilizada na pesquisa foi análise e sistematização de experiências compartilhadas pelos moradores, a partir das entrevistas realizadas no decorrer dos Tempos Comunidades do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. E, além disso, confecção, juntamente com a escola de uma coletânea de memórias, que auxiliará no ensino aprendizagem dos alunos.

Um exercício da alternância pedagógica no PA Castanhal Araras: memórias e reflexões sobre leitura, na escola José Cordeiro da Silva.

Percebi que os alunos têm dificuldade na leitura e escrita, e com isso acaba envolvendo diversos problemas no ensino aprendizagem, como por exemplo: pouco estímulo de leitura por parte dos mesmos, falta de adequação do currículo de Língua Portuguesa à realidade do aluno. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, a escola não consegue trabalhar a história da comunidade como proposta pedagógica. Por isso, trouxe algumas análises sobre as memórias existentes dos moradores da localidade, pois “o encontro entre as diferentes gerações no esforço de reconstrução da memória e do passado de uma coletividade influencia, sobremaneira, no processo de enraizamento da comunidade” (TEIXEIRA; FREIXO, 2011, p. 20). E, além disso, poderão fazer parte das propostas de ensino-aprendizagem dos alunos,

tentando amenizar essa situação e ajudando na formação de leitores (as) da comunidade Castanhal Araras. A seguir, temos exemplos de algumas dificuldades encontradas:

Hoje a professora trabalhou o projeto de leitura com os alunos, no qual este é de suma importância para eles, pois muitos não sabem ler direito e com o projeto está melhorando na leitura. (dados do relatório do 4º tempo comunidade)

A escola e/ou os professores devem buscar maneiras de ensinar os alunos a terem gosto pela leitura, buscando métodos de ensino que chamem a atenção deles, pois só assim irão ter um ensino de qualidade no qual todos saiam contemplados.

Ela resolveu realizar essa atividade porque viu que alguns alunos tinham dificuldade de leitura ou de compreender algumas palavras. Então ela pegou alguns livros que estavam guardados, entregou para os alunos, escolheu uma história e eles foram lendo, cada um lia um parágrafo ou uma história inteira. (dados do relatório do 4º Tempo Comunidade)

No período do estágio, essa professora fazia parte do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, por isso ela conseguia trazer varias possibilidades de ensino, pois a mesma trabalhava a realidade do aluno nas suas diversas formas. Além disso, a escola poderia pensar em um espaço e estratégias de leitura dentro da sala de aula, para que os alunos se envolvam e se interessem mais pela leitura. Contudo, trazer pesquisas que já foram feitas na comunidade para dentro da sala de aula, para os alunos poderem conhecer.

Então não devemos deixar que certas histórias e memórias passem por um processo de apagamento. Principalmente quando se trata da historia local, suas lutas enfrentadas no começo de tudo, pois a memória serve pra narrar algo que já aconteceu, construindo a identidade social dos envolvidos, como afirmam Teixeira, Freixo (2011):

Sendo assim, a memória poderia ser também o reviver sensações, experienciar novamente e também narrar, recontar para reviver. Sem falar na construção de identidade social, relação com o outro e o meio em que vivemos. (TEIXEIRA; FREIXO, 2011, p.04)

Como a escola pode trabalhar as memórias dos pioneiros existentes, no processo educativo do aluno, a partir da historia da comunidade?

A partir das pesquisas de campo dos tempos comunidades, percebi que muitos alunos não são estimulados à leitura e escrita, com isso chegam ao ensino fundamental II sem saber ler direito ou escrever bem. E esta questão é um grande desafio para os professores da escola, pois de um lado há o ensino insatisfatório das escolas do campo, e de outro, há negligência por parte dos alunos. Além disso, algumas pessoas que trabalham na escola, pessoas que moram em outra localidade, não conhecem a historia da comunidade Castanhal Araras. Por isso, no final da pesquisa desenvolvi uma coletânea de memórias que auxiliará tanto na

dificuldade desses alunos, quanto no reconhecimento da historia local por meio desse método supervalorizado. A seguir, mostrarei a narrativa do relatório do TC:

Percebi que os docentes e a escola têm dificuldades em desenvolver conteúdos relacionados ao contexto cultural local. E que não buscam um diálogo com as histórias de vida dos povos do campo, deixando de lado as práticas existentes. (dados do relatório do 5º Tempo Comunidade)

Tivemos como objetivo geral e específico: Contribuir no processo educativo dos alunos da E.M.E.F. José Cordeiro da Silva, localizada no PA Castanhal, bem como, valorizar a memória existente e os conhecimentos locais, melhorando assim, a leitura e escrita dos mesmos. E identificar as dificuldades dos alunos na leitura e escrita; Utilizar a memória existente dos moradores locais na formação de leitores da escola José Cordeiro da Silva; Propor a escola a desenvolver propostas pedagógicas a partir da historia da comunidade Castanhal Araras; Confeção de uma coletânea de memórias que servirá para formação de leitores na comunidade.

Além disso, tivemos algumas hipóteses, como: ausência de propostas pedagógicas que abrange a historia da comunidade, afim de não deixar que a mesma seja esquecida; Desvalorização da historia local por parte da gestão escolar.

A metodologia está dividida em etapas, como veremos a seguir: Primeiramente realizei novamente a análise dos tempos comunidades que foram feitos nas etapas passadas, que me ajudou no processo de levantamento dos dados do projeto de pesquisa. Em seguida, busquei o referencial teórico Thomson (1997) com o texto “Recompondo a memória”, que me ajudou no processo das análises das memórias dos pioneiros e também Thompson (2017) com “Memória e Esquecimento, Experiência e Tempo” que me mostrou a relação entre tempo e memória e suas consequências. Não esquecendo Portelli (1997) com “Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade” que nos mostra as principais formas de pesquisas. Todos esses referenciais me nortearam no processo de construção do trabalho de conclusão.

Realizei também análises das entrevistas realizadas nos Tempos Comunidade. Fiz uma intervenção na escola para apontar as dificuldades dos alunos na leitura e escrita, também utilizei os dados que já tinha das pesquisas anteriores que me ajudou nesse processo de construção. Além disso, fiz a sistematização dos dados coletados em todo o processo e depois fiz as análises necessárias para construção do trabalho de conclusão. Análise dos tempos comunidades; Levantamento dos referenciais teóricos; Análises de entrevistas realizadas nos tempos comunidades; Intervenção na escola; Sistematização de dados.

1. HISTÓRICO DO PROJETO DE ASSENTAMENTO CASTANHAL ARARAS¹ E DA E.M.E.F. JOSÉ CORDEIRO DA SILVA

O que mobiliza as pessoas iniciar um Projeto de Assentamento?

De certo, a luta pela terra, a vontade de ter um lugar para produzir, sobreviver e sustentar a família. A partir de relatos dos pioneiros, conseguimos construir o histórico do Projeto de Assentamento Castanhal Araras. Por meio de entrevistas gravadas e transcritas, trazendo as memórias dos moradores do assentamento.

O Projeto de Assentamento Castanhal Araras está localizado no município de São João do Araguaia-Pará, às margens do Rio Araguaia, entre os PA's: 21 de Abril, Prata e 1º de Março que confrontam com a Rodovia Transamazônica, próximo a sede do município de Marabá. Foi criada a partir de uma ação de remanejamento de posseiros que ocupavam a área denominada Mãe Maria, do povo indígena Gavião.

Segundo SILVA (p.2, 1994),

Os trabalhadores ocuparam parte das terras dos índios Gavião, o que gerou conflitos entre as duas partes. Segundo um dos moradores da época, em Mãe Maria, os índios tentaram expulsá-los de maneira violenta, queimando barracos, plantações, o que despertou medo entre os posseiros. A FUNAI entrevistou na questão através da Polícia Federal, que usou de violência para retirar os posseiros, que resistiram e continuaram na área. O Grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantins-GETAT, em 1980 tentou resolver a questão assentando os posseiros numa outra área que também pertencia à reserva indígena, só que dessa vez surgiu um outro personagem na questão, a viúva de João Anastácio de Queiroz, que dizia que o GETAT tinha assentado os posseiros dentro da sua propriedade. Esse conflito levou os índios Gavião a paralisarem a Ferrovia da Companhia Vale do Rio Doce-CVRD por um dia. Depois desse fato, a CVRD, os índios, os posseiros, a viúva de João Anastácio, a FUNAI, o GETAT e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em conjunto negociaram uma outra área para remoção dos posseiros. Em 1987, foi desapropriado o Castanhal Araras para se fazer o reassentamento dos posseiros da reserva Mãe Maria.

Segundo um morador entrevistado na comunidade, os trabalhadores ficaram lá por alguns dias na reserva Mãe Maria. Mas com o passar do tempo, os índios se viram obrigados a reivindicar seu espaço na aldeia, ocasionando assim, conflitos, discussões e debates em reuniões para tentar resolver o problema de todos envolvidos. O local fica situado entre a aldeia dos povos indígenas Gavião e o Rio Tocantins, hoje Município de Bom Jesus do Tocantins, na Rodovia PA-222.

Após uma mobilização das famílias camponesas em junho de 1987, resolveram ocupar o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) passando 6 (seis) meses

¹ Histórico construído a partir de experiências compartilhadas pelos moradores da comunidade no 1º Tempo Localidade do Curso de Licenciatura em Educação do Campo no ano de 2015.

acampados para pressionar o governo por um pedaço de terra. Quando estavam lá acampados tiveram muita dificuldade, passaram fome, sede, estavam sendo humilhados para conseguir um pedaço de terra. Os alimentos que conseguiam eram de doações de pessoas que participavam dos movimentos e também de alguns fazendeiros da época.

No mesmo ano, depois de muita luta e esforço, houve uma negociação entre a Vale (devido a linha do trem passar dentro das terras indígenas), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Sindicato foi desapropriado a área do assentamento, e em dezembro de 1987 as famílias foram remanejadas para o PA Castanhal Araras.

A questão, essa comunidade aqui nossa foi criada. Nós estava numa invasão no, no, no Mãe Maria. Aí fomos remanejados, fomos acampar no INCRA seis meses. Fomos cadastrado no Mãe Maria, viemos pro INCRA; aí do INCRA, passemos seis meses acampado lá no INCRA. Aí quando nós chegou aqui, o INCRA veio fazer o assenta, entregar os lotes aqui foi dia 19 de dezembro de 87. Já estava feito o, a estrada, a vicinal, tudo. E aí entregou, e aí a gente tomou de conta de cada qual do seu lote. E hoje convive quem, uma parte já vendeu e foi embora; outra parte ainda mora ainda. Enfim, até hoje a gente tá, tá na mesma localidade que a gente recebeu no início. (Entrevista: Antonio de Castro Sobrinho, 01 p. 05)

Os posseiros conseguiram também através das negociações realizadas, que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) fizesse a abertura das estradas para que as famílias pudessem ir pro PA; que a Vale construísse a escola, o posto de saúde e a delegacia sindical. Posteriormente, o governo levou para o PA vários projetos, como: o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e o Projeto Integrado, o FNO, que beneficiou a comunidade e os assentados.

A desapropriação da fazenda ocorreu no dia **15 de janeiro de 1987**, pelo Decreto nº **3938**, estando registrado na SR-27 do INCRA de Marabá sob o nº. MB0002000, com uma área total de **5.058,4728** hectares. (Dados do INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). O nome “Castanhal Araras” é oriundo da denominação da antiga fazenda que foi desapropriada para a criação do PA, cujo passou a chama-se também Castanhal Araras. Segundo os relatos dos moradores, a área era de um antigo castanhal que existia muitas araras que se alimentavam do fruto da castanha. A escolha do nome ocorreu na mesma época em que as famílias vieram para o assentamento, remanejadas da reserva Mãe Maria.

Eu vim do Piauí por Maranhão em setenta e seis eu vim por Maranhão, aí em oitenta eu vim por Pará, viemos trabalhar aqui em busca de ganhar um pedaço de terra pra sobreviver... (En. Francisca Maria de Jesus Moraes, p. 07)

Segundo o morador da comunidade, varias famílias vieram de outros estados à procura de um pedaço de terra para produzir, sobreviver e sustentar a família. Portanto, o assentamento é híbrido, uma mistura de várias regiões. Essas pessoas que vieram de outros

estados estavam em busca de melhorias, não tinha apoio do Estado e, às vezes, eram obrigados a sair da sua terra natal. As figuras 1 e 2 a seguir apresentam a chegada das famílias no assentamento no ano de 1987 e as reuniões realizadas para discutir os principais assuntos dos moradores:

Figura 1 e 2: Chegada das famílias no assentamento/ Reuniões realizadas na escola



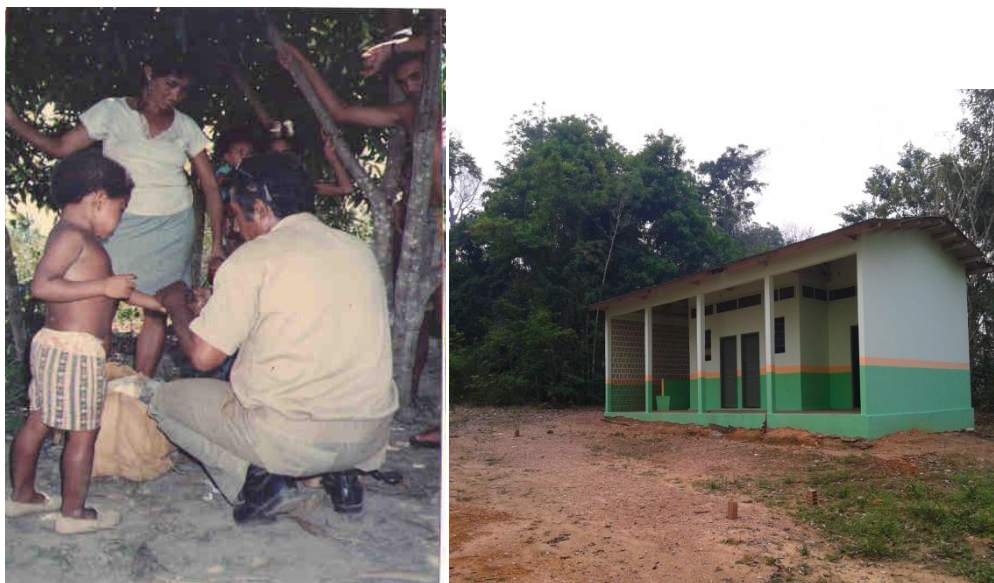
Fonte: Raimundo Conceição

O PA Castanhal Araras é uma área composta de 93(nove e três) lotes, tendo sido assentadas 92 famílias com a área média dos lotes em torno de 50 (cinquenta) hectares, distribuídos às margens das estradas vicinais. Sendo 01(um) destinado para o patrimônio coletivo do PA, onde foram construídas instalações como: a escola de ensino fundamental/multisseriado denominada “José Cordeiro da Silva”, em homenagem a um assentado que foi assassinado logo após a entrega dos lotes. Como era de costume homenagear pessoas que lutavam na época, todos decidiram colocar o nome do assentado na escola.

O assentamento ainda tem 01(um) posto de saúde, que atende as pessoas durante a semana. Quando o caso de doença é mais grave, as pessoas são levadas ao hospital do município ou para outras cidades vizinhas. Além disso, no começo do assentamento, as pessoas sofriam bastante com as doenças, principalmente com a malária, que chegou a levar alguns companheiros à morte, como podemos observar na fala de outro morador do assentamento:

Aqui no início foi péssimo, perigosa nós passemos uma crise feia aqui dentro, na época morreu gente doente da malária muito forte aqui, hoje graças a Deus ta 90% melhor né, que o tempo anterior, graças a Deus nunca mais apareceu negocio de doença assim. (Entrevista: João Rodrigues de Souza, p. 12)

Figura 3 e 4: pessoal da saúde fazendo o exame de malária/ Posto de saúde hoje em dia



Fontes: Raimundo Conceição; Cleina Souza

Havia também 01(uma) delegacia sindical pra realização de eventos coletivos como reuniões e festas e 01(uma) associação, denominada Caixa Agrícola do Castanhal Araras, criada em 1988, um ano após a criação do PA que funcionou durante um período, mas que já foi extinta por má administração segundo relatos de entrevistados. Na vila, situada no patrimônio coletivo, têm também pequenos estabelecimentos comerciais, há 01(uma) Igreja Católica do Padroeiro São Sebastião, 01(uma) Igreja Evangélica Congregação Assembleia de Deus e algumas residências de assentados do PA que construíram suas moradas. E outras de moradores que não são assentados, alguns são parentes de alguma família que possuem lotes no PA. A figura 5 e 6 apresenta a delegacia sindical da comunidade, que no começo era realizado às reuniões e recentemente foi reformada para atender a demanda da escola da comunidade:

Figura 5 e 6: Delegacia sindical antes e depois na comunidade



Fontes: Raimundo Conceição; Cleina Souza

A produção da comunidade baseia-se no cultivo de milho, macaxeira, arroz, feijão, açaí, banana, cupuaçu. Além disso, alguns moradores criam galinhas, porcos, ovelhas, vaca, etc. Tem também aqueles que possuem sítios, fazem polpas de frutas variadas para comercializar e/ou para próprio consumo.

A produção do nosso lote? O nosso lote nós produz de tudo um pouco, a gente cria galinha, a gente cria, a vaca. A gente produz, planta a macaxeira, planta o milho, é, a gente tem um, quase uma equitäre e meia de açaí, então a gente produz de tudo um pouco. (Entrevista: Raimunda Luisa Santos da Silva, p. 07)

Aqui hoje nós estamos produzindo. A gente tem aqui as criação: porco, galinha, ovelha. Tem um pouco de gado e a gente produz alimentação pra comer: cereais, arroz, feijão, milho. A, a gente tá. Hoje a gente tem um sitio, a gente faz polpa de fruta. Distribui nos próprios colégios mesmo, parte dela. Enfim, a gente tá vivendo, né. Maneira de viver. (Entrevista: Antonio de Castro Sobrinho, p.04 e 05)

Segundo esses dois relatos de moradores, as famílias produzem de tudo um pouco. Tentam manter-se de todas as formas, pois na comunidade não tem outra forma de renda. Além de produzir para o próprio consumo, as famílias comercializam os produtos existentes em seus lotes. E algumas das vezes, até distribuíaam nos colégios locais.

Figura 7 e 8: Produção do cupuaçu antigamente e atualmente



Fontes: Raimundo Conceição; Cleina Souza

Atualmente, as matas que existem apenas em alguns lotes que estão sendo preservadas. Muitos moradores necessitaram vender as castanheiras existentes em suas propriedades para conseguir alguma ajuda financeira. Em outros lotes, há áreas de pasto em que se criam seus gados leiteiros, tirando o sustento da família.

1.1 Os Narradores²

Na pesquisa escolhemos o maior número de pessoas que possibilitasse ser um retrato do PA Castanhal Araras, com suas diversificações religiosas, econômicas e ambientais. Sendo

² Moradores da comunidade que compartilharam suas experiências de vida e trajetória durante a pesquisa.

que foram escolhidos 10 (dez) assentados: Francisco Rodrigues da Silva, Maria Lusimar Silva da Silva, Raimunda Luisa Santos da Silva, Francisca Maria de Jesus Moraes, Raimundo Conceição da Silva, Francisco Conceição da Silva, João Rodrigues de Souza, Antonio de Castro Sobrinho, Enézio Bezerra dos Santos e Raimundo Barbosa.

Com relação ao critério religioso, conversamos com católicos e evangélicos, pois procuramos e não conseguimos identificar praticantes de outras religiões, ou seja, na comunidade há apenas essas duas religiões conhecidas.

Já no fator econômico, consideramos os assentados com situação financeira no lote mais estruturado e estabilizado, assentados que está em fase de estruturação do lote e outros que financeiramente está em uma situação menos favorável.

Para dar conta do critério ambiental, entrevistamos agricultores cujos lotes estão de acordo com a legislação ambiental, parcialmente de acordo e não de acordo com a legislação ambientais com as áreas degradados, sem RL (Reserva Legal) ou áreas de APP (Áreas de Preservação Permanente) - que são matas ciliares, morros e encostas.

Enfim, todos os entrevistados foram escolhidos com a finalidade de está sendo contemplados todos os fatores e critérios acima expostos.

1.2 CONQUISTAS E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA NO ASSENTAMENTO

Segundo Leite (1999):

A função primordial da escola é ensinar, transmitir valores e traços da história e da cultura de uma sociedade. A função da escola é permitir que o aluno tenha visões diferenciadas de mundo e de vida, de trabalho e de produção, de novas interpretações de realidade, sem, contudo, perder aquilo que lhe é próprio, aquilo que lhe é identificador. (LEITE, 1999, p. 99)

A educação no campo sempre foi um desafio durante muito tempo. Hoje em dia, não mudou quase nada, pois o que os educadores enfrentam no seu dia a dia não é nada fácil. Além disso, estes são obrigados a seguir um sistema que manipula e não valoriza o professor em sala de aula. E isto ocorre principalmente nas escolas do campo, pois tudo é movido na base da política.

Realizei as pesquisas dos Tempos Comunidade (TC) na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Cordeiro da Silva localizada no PA Castanhal Araras, município de São João do Araguaia. Sendo que a escola foi construída no mesmo período de criação da comunidade após negociações entre órgãos governamentais: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e

Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Durante as negociações a CVRD construiu outros prédios nesta localidade, inclusive o colégio, o qual foi doado ao PA no ano de 1987. No começo do assentamento, não havia escola, os alunos estudavam em um barraco improvisado, coberto de palha. Os assentados se reuniram e fizeram esse barracão, lugar onde havia as aulas e também as reuniões. Com muito esforço, conseguiram construir a escola de alvenaria, a partir das negociações e parcerias realizadas com órgãos e movimentos sociais.

Segundo SILVA (p. 48, 2018), o Projeto de Assentamento era:

Dotado no passado de uma boa infra-estrutura, com escolas, posto de saúde, poço artesiano, agroindústrias e cantinas, implementadas com recursos da CVRD, atualmente este P.A. apresenta sérios problemas de manutenção e de abandono, pois somente as escolas estão em funcionamento.

Ainda segundo a autora,

Das três escolas de ensino fundamental ali encontradas, uma delas situa-se na vila do patrimônio, onde também estão em funcionamento, um poço artesiano de abastecimento de água potável e parte da infraestrutura inicial em prédios e equipamentos.

Nos primeiros anos de funcionamento da escola nova, havia apenas três professores e estes moravam no assentamento. Atualmente, a escola oferece da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Os alunos dependem do ônibus escolar para chegar à escola, pois muitos moram longe. Mas algumas vezes, não tem aula porque o ônibus quebra, precisa ir para oficina ou então, no período do inverno, as estradas estão em péssimas condições de trafegar, muitos atoleiros e pontes quebradas. Contudo, a educação na comunidade melhorou bastante relacionada ao início do assentamento, como podemos perceber na fala do morador:

Ah, ela veio por o, o, os próprios filhos dos assentados. A gente foi começando devagarzinho. Aqui foi começado dar, dar, dar aula aqui em barraquinho improvisado. Aí depois foi, foi aumentando os colégios, hoje a gente tem colégio construído. Tem, tem transporte pra, pra carregar os alunos. Hoje melhorou tudo, em vista quando a gente logo quando chegou tá bem, bem melhor hoje. (Entrevista: Antonio de Castro Sobrinho, p.06)

No ano seguinte do remanejamento das famílias, um jovem de nome José Cordeiro da Silva membro da comunidade foi assassinado por um desconhecido em sua casa. Como era de tradição homenagear pessoas que lutavam pela comunidade e este foi o primeiro falecimento nesta localidade acharam digno nomear a escola com o nome deste assentado, que passou a ter atividades letivas após o ano de 1991. As figuras 9 e 10 apresentam a escola José Cordeiro antes e depois da reforma realizada:

Figura 9 e 10: Escola José Cordeiro na comunidade



Fontes: Raimundo Conceição; Cleina Souza

Nos dias atuais a escola é anexa a Escola Educar para Crescer³, no assentamento 1º de Março e conta com um quadro de funcionário composto por 01 (uma) diretora, 07 (sete) professores, 01 (um) auxiliar de informática, 03(dois) vigias, 03 (três) serventes e 01 (um) coordenador, no total de 15 (quinze) funcionários desempenhando suas funções, atendendo a Pré-escola, o Ensino Fundamental 01 (um) e o Ensino Fundamental 02 (dois). Sendo que o funcionamento das turmas se dá pela parte da manhã e da tarde. E para suprir as necessidades de sala de aula era usado 01 (um) prédio da comunidade, a delegacia sindical, que estava abandonada e foi reformada com a união da comunidade e escola para atender o Projeto Mais Educação nos anos de 2014 e 2015. Hoje em dia, não existe mais esse projeto na escola. Apesar disso, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola ainda está em construção, o qual auxiliaria no processo educativo do aluno, a projeto partir da realidade da comunidade.

A instituição, no ano de 2014, recebeu um do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para aumento da infraestrutura escolar com construção de uma nova escola ao lado com duas salas de aulas, dois banheiros, uma secretária, uma cozinha, um pátio e uma área de serviço. Atualmente, está em funcionamento apenas as duas salas de aula desse novo prédio.

Já o prédio antigo da escola que continua ativado possui uma infraestrutura boa contando com 01 (uma) secretaria, 01 (uma) cozinha, 03 (três) salas, 01 (um) corredor, 1 (um) pátio refeitório, 04 (quatro) banheiros. Entretanto, em uma das salas funciona a biblioteca e a sala de professores. Vejamos alguns dados das instalações da escola:

³ A Escola Educar para Crescer fica localizado na Vila 1º de Março, às margens da Rodovia Transamazônica.

DADOS GERAIS DAS INSTALAÇÕES FÍSICAS DAS INSTITUIÇÕES

Local de funcionamento e área do terreno [m ²]	Tipo de construção	Material da parede	Material cobertura	Material do piso	Fonte de Energia e Iluminação
PA Castanhal Araras, prédio próprio Medidas do terreno: Comprimento: 63 m Largura: 30 m	Permanente	Reboco	Telha Brasilit e plan	Piso grosso, queimado, cerâmica	Energia elétrica, luz fluorescente

Fonte: Dados coletados no 2º Tempo Comunidade, 2015

O quadro nos mostra uma estrutura que existe quase em todas as escolas do campo: feita de alvenaria, coberta de brasilit, que ocasiona um calor insuportável, prejudicando assim, o desempenho dos alunos em sala de aula.

A escola da comunidade já passou por diversas transformações no decorrer dos anos, e umas delas é a infraestrutura, que vem melhorando cada vez mais. Além disso, tem a mudança da administração, que com o passar dos governos não é mais a mesma do início do assentamento.

2. UMA INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO: Recontando as memórias dos estágios

2.1 Uma memória para pesquisadora⁴

A trajetória de vida permeia a nossa trajetória acadêmica e ajuda-nos a tornar-nos grandes profissionais. Com isso, trarei algumas lembranças de minha história, importantes fatos que aconteceram que fez me tornar a pessoa que sou hoje e ajudou-me nessa trajetória do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Nasci em 1994, na cidade de Marabá município do Estado do Pará, há 52 km do São João do Araguaia. Filha de Francisco Napoleão da Silva e Maria das Graças da Silva, naturais do Ceará, lavradores; que vieram para Estado do Pará à procura de melhoria de vida.

Quando os meus pais chegaram ao Pará eu ainda não havia nascido, apenas meus seis irmãos. Praticamente nasci na comunidade e tenho uma relação bem forte com campo, pois me criei na localidade pesquisada. Nos meados dos anos 90 meu pai conseguiu essa área no Projeto de Assentamento Castanhal Araras e mora lá até os dias de hoje. Foram se acomodando pouco a pouco na localidade.

Não me recordo do período de estudo na alfabetização. Comecei a estudar aos 7 anos de idade na escola Municipal de Ensino Fundamental José Cordeiro da Silva. Quando comecei a cursar o ensino fundamental II a escola já funcionava até oitava série. Mas antes disso, os alunos deveriam sair para comunidade vizinha, localizado na Vila Diamante para poder terminar o fundamental, pois na escola José Cordeiro da Silva ofertavam até a quarta série.

Concluí meus estudos na comunidade em 2009. Comecei a cursar o Ensino Médio aos 16 anos na cidade de São João do Araguaia, na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Abel Figueiredo. Foram 3 anos de muita luta para concluir essa etapa, pois na comunidade não tem o nível e tínhamos que sair de ônibus até a cidade sede para estudar. No ano de 2011 me casei, mas não parei de estudar.

Quando faltavam três meses para concluir descobri que estava grávida, foi uma alegria imensa para mim, pois sempre quis ter um filho. Terminei os estudos em 2012 e fui cuidar do meu pré-natal até o nascimento do bebê.

⁴ Trago algumas memórias de minha trajetória de vida pessoal e escolar.

Um ano e cinco meses após o nascimento do meu filho, saiu o edital do processo seletivo especial para o Curso Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Fiz minha inscrição, mas não estava esperando que fosse passar, pois não havia estudado para fazer a prova. Quando saiu o resultado meu nome estava lá nos aprovados, fiquei feliz e ao mesmo tempo preocupada, pois eu estava trabalhando para manter o meu filho, mas com o apoio de algumas pessoas resolvi estudar.

No começo dos estudos, fiquei um pouco assustada com a graduação. Mas aos poucos fui me adaptando ao Curso, aos colegas e aos professores. Foram quatro anos de experiências vividas, lutas enfrentadas. O meu filho foi o incentivo que tive para não desistir dos estudos. Agora estou aqui, terminando essa jornada de estudo, não vou parar por aqui quero dar continuidade em outros trabalhos.

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo vem resgatar as memórias e as práticas dos sujeitos do campo, que atuam no meio rural. Além de proporcionar a prática nas pesquisas realizadas durante o mesmo, como podemos ver no Projeto Pedagógico do Curso (2014) em seus objetivos:

A objetivação do processo de formação acadêmica da Licenciatura em Educação do Campo terá como ponto de partida o resgate e estudo dos elementos que compõem a memória, saberes, valores, costumes, bem como práticas sociais e produtivas dos sujeitos do campo e dos diferentes sujeitos atuantes no meio rural, direcionando-se a partir da prática da pesquisa por eixos temáticos. (Projeto Pedagógico do Curso, 2014, p. 22)

O Curso é organizado a partir da alternância pedagógica, no qual é vivenciado em diferentes tempos e espaços, como Tempo Universidade e Tempo Localidade. Essa alternância proporciona diferentes estudos, convivências com diferentes saberes. Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (2014), Alternância Pedagógica é:

Um processo formativo vivenciado em e por meio de diferentes tempos, espaços e práticas, articulados entre sessões de Tempo-Espaço Universidade e Tempo-Espaço Localidade/Comunidade, experimentados através da organização e participação em seminários, oficinas e mini-cursos; estudo teórico em grupos temáticos; organização e produção de material didático acadêmico; visitas de estudo e pesquisas em instituições, organizações sociais e/ou comunidades; vivência de estágios etc; buscando estimular o exercício da pesquisa, estudo e trabalho de forma indissociável e assumido como elemento fundamental da formação e auto-formação acadêmica e profissional, inicial e continuada. (Projeto Pedagógico do Curso, 2014, p. 49)

A partir das Pesquisas Sócio-educacionais durante o Tempo Localidade realizam-se os estágios obrigatórios, para fazer um exercício da docência na área escolhida pelo o estudante. Tem o estagio observação e o estagio regência, o primeiro o discente faz apenas uma

observação em sala de aula e também na escola pesquisada, já o segundo, o mesmo vai à prática da docência, para compreender melhor a situação dentro da sala e escola. Os estágios são supervisionados pelos professores regentes e direção escolar de cada localidade específica, como podemos ver no Projeto Pedagógico do Curso (2014):

O Tempo Localidade (TC) é o tempo das práticas de pesquisa social e educacional, configurando-se como momento de investigação acadêmica sobre o cotidiano pedagógico das escolas rurais e das comunidades em que elas se situam. (Projeto Pedagógico do Curso, 2014, p.30)

O estágio constitui-se na vivência e exercício profissional da docência na área de conhecimento escolhida pelos estudantes, sob orientação e acompanhamento de professores e supervisão da parte concedente articulada ao planejamento das instituições de ensino campo de estágio. (Projeto Pedagógico do Curso, 2014, p.41)

2.2 Relatos do 3º estágio na turma de multisserie da E.M.E.F. José Cordeiro da Silva

A experiência do estágio é de suma importância para a formação de professores, pois com ela iremos sentir na pele as dificuldades encontradas nessa jornada. Então devemos aproveitar cada experiência de forma singular, para podermos realizar as ações pluralizadas juntamente com todos envolvidos.

Nas pesquisas realizadas e nos estágios, foram feitas o planejamento e execução das ações de forma interdisciplinar com o discente Lucas Mateus Santos da Silva, também da Licenciatura em Educação do Campo, área de Matemática. Os encaminhamentos dos estágios foram realizados durante o Tempo Universidade (TU), no período intervalar, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Os encontros de planejamento das ações dos projetos e das sequências didáticas foram realizados no decorrer do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Nesses encontros definimos que seria necessário muito esforço e dedicação para realizar as seguintes etapas: Entrega de documentação a direção; Apresentação dos projetos à gestão escolar; Discussão com os professores regentes e Intervenções em sala de aula.

A primeira e a segunda Pesquisa Sócio-educacional do Curso já foi explícita no capítulo 1, pois as mesmas aborda a história da localidade PA Castanhal Araras e o histórico da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Cordeiro da Silva. Este dois estágios fiz juntamente com meu colega Lucas Mateus, ênfase Matemática, turma 2015.

E os encaminhamentos do terceiro estágio foram feitos pela professora regente da disciplina Pesquisa Sócio-educacional III. Ela nos orientou que fizéssemos um pré-projeto no

Tempo Universidade, para quando chegarmos à localidade ficarmos mais a vontade na escola e adaptarmos o projeto ao que está sendo estudado em sala.

Assim, no dia 06/09/16 foi apresentado o projeto a gestão da escola José Cordeiro da Silva sobre as práticas culinárias. Nesse mesmo dia o responsável pela escola aprovou o projeto e aceitou que fizéssemos a intervenção (nesse período a diretora estava afastada por causa das eleições, ela era candidata a vereadora). Fizemos a intervenção juntamente com a Keila Sousa da Silva (específica Matemática), pois ela estava trabalhando na mesma linha de pesquisa que a nossa. Então resolvemos fazer juntos. O responsável pela escola já estava ciente que iríamos realizar o projeto juntos, pois a Keila já havia adiantado com a diretora.

Começamos as atividades realizando entrevistas com mulheres da comunidade para identificar as comidas típicas que fazem parte do cotidiano local, oriundas no processo de migração dos assentados vindos de diferentes regiões.

O projeto foi dividido em 07 (sete) etapas, na qual foram se desdinhando no decorrer dos dias em que nós ministrávamos as aulas, e estão registrados com fotos, frequência e as atividades desenvolvidas no dia a dia. Conforme mostra a seguir:

No primeiro dia começamos a aula às 07h30min da manhã, com a presença de 15 alunos para realização das atividades, fizemos uma oração junto com a professora, logo depois fizemos uma dinâmica chamada “salada de frutas”, em que os alunos recebiam um papel com o nome de frutas e a cada vez que a gente cantava chamava uma fruta e o aluno que era essa fruta se levantava e apresentava.

Em seguida perguntamos sobre o que eles entendiam a respeito de receita e se conhecia alguma, no qual eles disseram que conhecia receita de bolo, lasanha, pizza, suco, etc.

Segundo a Wikipédia, a enciclopédia livre:

As receitas são livros que ajudam as pessoas passo a passo para fazerem ótimos pratos, a receita culinária tem como objetivo informar a fórmula de um produto seja ele industrial ou caseiro, contando detalhadamente sobre seu preparo.

Logo após a dinâmica, colocamos um vídeo de uma receita mostrando como ela é preparada passo a passo, no qual “Telmo e Tula” ensinam como fazer uma receita de biscoito com a ajuda de adulto. Em seguida fizemos perguntas referentes ao vídeo para os alunos como, por exemplo, “O que estava sendo preparado?”, “Quem ajudou eles a acender o forno?”, “Quais os ingredientes que estavam sendo utilizados?”.

Nesse dia preparamos uma receita de creme de cupu para os alunos degustarem e falar qual o ingrediente principal. Realizamos uma atividade relacionada ao creme de cupu para

eles resolverem, mas antes, fizemos uma breve explicação a respeito dos ingredientes e modo de preparo.

Então, para terminar a aula pedimos aos alunos pra trazerem receitas de casa, pedir para suas mães algumas receitas típicas da comunidade para estudarmos na próxima aula. A figura 11 apresenta a brincadeira realizada em sala de aula para distrair os alunos:

Figura 11. Brincadeira “salada de frutas” em sala de aula

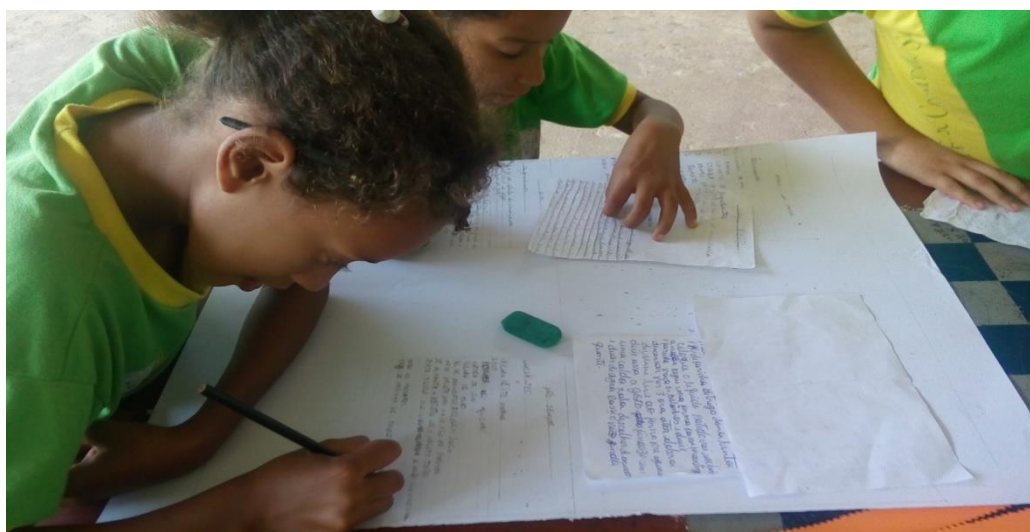


Fonte: arquivo pessoal, 2016

No segundo dia, a sirene tocou as 07h30min da manhã e a aula começou com a oração do Pai Nosso como de costume, nesse dia comparecerão 18 (dezoito) alunos. Primeiramente fizemos uma dinâmica chamada “batata quente”, onde os alunos formavam uma roda e com uma música começavam a passar uns papéis de mão em mão até a música parar e quem estiver com o papel tinha que tirar um, continuava rodando até achar a recompensa e dividir com a turma.

Logo em seguida, pegamos as receitas que eles trouxeram de casa e perguntamos quem tinha dado a eles. Pegamos os alunos e separamos em grupos de seis pessoas, no qual formou 03 (três) grupos no total. Falamos para eles o que era pra ser feito, trouxemos cartolina e damos uma para cada grupo, para que pudessem repassar as receitas para a cartolina e montar um mural, para depois apresentar na frente às receitas de todos.

Figura 12. Alunos fazendo a atividade na cartolina



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

No dia seguinte, a aula começou as 07h30min da manhã, como de costume, com a presença de 18 (dezoito) alunos, e como sempre fizemos uma oração juntamente com a professora. Nesse dia foi feita uma brincadeira para descontrair chamada “dinâmica da amizade”, em que os alunos tentavam abrir um pirulito apenas com uma mão sem ajuda da outra.

Depois que terminou a brincadeira juntamos os grupos que foram formados na aula passada para continuar a atividade da cartolina. Após ter terminado nas cartolinas, os grupos foram apresentar as receitas na frente, na qual eles leram e explicaram as receitas. Com essa atividade foi trabalhado a escrita e a leitura de cada aluno.

Figura 13. Apresentação dos trabalhos dos alunos



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

No quarto dia de intervenção, fomos à sala de aula às 07h30min da manhã com a presença de 13 (treze) alunos. Fizemos a oração do dia, depois cantamos uma música para descontrair os alunos que se chamava “se você está contente”.

Logo em seguida, passamos uma atividade em que os alunos teriam de passar as receitas que eles trouxeram e as das entrevistas que nós fizemos com as pessoas da comunidade para um caderno de receita para depois socializar. Ficamos apenas observando como eles estavam se saindo na escrita.

Figura 14. Alunos escrevendo as receitas no caderno



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

No dia seguinte, a aula começou às 07h30min da manhã e como sempre com uma oração. Primeiramente cantamos uma música juntamente com os alunos. Posteriormente continuamos a atividade da produção do livro de receitas com os alunos. Se caso não vir a terminar a tempo nesse dia, ficará para alguns alunos como dever de casa para eles terminarem de copiar, para que na próxima aula esteja bem adiantado.

No sexto dia, a aula começou tendo a presença de todos os alunos, no total de 20, às 07h30min da manhã com uma música da “Mariana” e a “música do zero”, fizemos também a oração do dia. Em seguida verificamos se os alunos terminaram a atividade da aula passada, mas não deu para todos terminar, por isso levarão de novo pra casa para concluir.

Começaremos a trabalhar a Matemática no gênero textual: receita culinária, na qual iremos trabalhar medidas de capacidade e massa dentro da receita de pão de queijo:

Pão de queijo: Maria Linda Fernandes da Silva

Ingredientes: 1 kg de fécula; 8 ovos; 1 copo de óleo; 1 copo de água; Sal a gosto; ½ kg de queijo ralado; Modo de preparo: Ferve o leite, a água e o óleo para esquentar a massa,

espere esfriar e coloque os ovos e meio quilo de queijo ralado e amasse e faça bolinhas. Coloque para assar de 20 a 30 minutos. Depois só servir.

Esperamos os alunos terminar a atividade passada no quadro para depois corrigir. Posteriormente fizemos uma explicação sobre medidas de capacidade e massa envolvendo a receita. Em seguida, fizemos uma atividade de situação problema para eles resolverem e trazerem na próxima aula pra ser corrigido.

Figura 15 e 16. Explicação da matemática dentro do gênero textual: receita culinária



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

No dia seguinte, começamos o dia de aula com a oração da manhã as 07h30min. Recebemos a atividade da situação problema passada na aula anterior para corrigir. Logo depois vimos às escritas dos alunos e eles ainda não tinham terminado, marcamos para ser entregue no próximo dia de aula.

No dia 29/11/16 fizemos a culminância do nosso projeto, da prática. Nós compramos aventais, toucas e os ingredientes para a prática da receita. Vamos fazer um bolo de trigo, outro de massa preparada e um suco de acerola. Começamos primeiramente a preparar o bolo, as meninas ficarão pra preparar o bolo passo a passo e os meninos ficaram apenas olhando para aprender, em seguida os meninos irão fazer o suco com a nossa ajuda.

Pegamos o liquidificador, a fôrma, os ingredientes e os medidores. Colocamos os ovos, a manteiga e o leite para bater, tudo medido. Em seguida fomos acrescentando a massa preparada para ir batendo tudo junto, até ficar no ponto de ir pra fôrma. A merendeira preparou o outro bolo de trigo para completar a merenda. Depois de tudo batido colocamos pra assar por 40 minutos.

Posteriormente fomos preparar o suco com os meninos. Pegamos o liquidificador novamente, a polpa de acerola, o açúcar e a água. Cortamos a polpa e colocamos no

liquidificador, fomos acrescentando o açúcar aos poucos juntamente com a água, experimentando até ficar no ponto de beber.

Esperamos o bolo terminar de assar, enquanto isso estava chegando a hora do recreio. Quando terminou de assar juntamos todos os alunos no pátio da escola e distribuímos o bolo e o suco, que ficou saboroso. Hoje a aula foi apenas a pratica de tudo que a gente vinha trabalhando no decorrer dos dias de aula.

Figura 17, 18, 19, 20. Culminância do projeto, realizando a pratica das receitas



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

Com esse projeto mostramos para comunidade que as raízes culinárias ainda estão presentes no cotidiano de todos e que a escola está fazendo o possível para que não se perca no decorrer dos tempos.

Contudo, pude perceber a importância deste trabalho para os moradores, porque as receitas típicas da comunidade não estão esquecidas, pois todas as famílias, inclusive às entrevistadas, não deixa seus valores oriundos do processo de migração acabar, buscando sempre com a ajuda da escola e todos envolvidos da comunidade, valorizar e praticar essas receitas, passando de geração em geração.

E essas receitas típicas fazem com que o currículo das escolas do campo busque a identidade da localidade rural, no caso do PA Castanhal Araras, que não acabe se perdendo no passar dos tempos e com isso ajude na formação de novos (as) educadores (as) para o próprio campo, valorizando sempre o currículo nas escolas do campo.

2.3 Estágios Observação em sala de aula da turma do 6º E 7º Ano da E.M.E.F. José Cordeiro da Silva

Os encaminhamentos do quarto estágio foram feitos pela professora da disciplina Pesquisa Sócio-educacional IV. Ela nos orientou que fizéssemos uma observação em sala de aula nas turmas do ensino fundamental II, observando os saberes e o currículo aplicado na escola.

Assim, no dia 17/03/2017 levei todos os documentos à gestão da escola José Cordeiro da Silva para que a diretora atual autorizasse minha observação em sala de aula. Como já sou conhecida lá na comunidade, pois nasci e me criei no PA, ela rapidamente autorizou minha observação, assinou e carimbou todos os documentos necessários.

Comecei a observar os alunos e a professora na semana seguinte e a disciplina observada em sala de aula foi Língua Portuguesa. Observar como ela é aplicada em sala se está sendo adequada à realidade da comunidade e dos alunos e como é a metodologia do docente.

A professora observada se chama Maria Lusimar Silva da Silva, graduada em História e com o Magistério, estava cursando Licenciatura em Educação do Campo, mora na comunidade desde a criação da escola, foi uma das primeiras professoras e responsável pela escola na comunidade, pois está sempre comprometida com o PA Castanhal Araras. Ministrava aulas de Artes, História, Geografia e Português, sendo apenas contratada.

Relatos passo a passo da observação

Primeiramente comecei fazendo algumas perguntas, para que no decorrer das observações pudessem ser respondidas como, “Qual a relação do professor/ aluno?”, “Como é a metodologia aplicada em sala de aula?”, “Há dialogo com outras disciplinas em sala?”, “O docente usa temáticas voltadas para a realidade do aluno?”, “Se os conteúdos do currículo aplicado conversam com o campo?”, “Se o docente utiliza o livro didático rigorosamente ou busca trabalhar outras maneiras de ensino?”

Todo menino que vem sentar-se nos bancos de uma escola traz consigo, sem consciência de tal, o conhecimento prático dos princípios da linguagem, o uso dos gêneros, dos números, das conjugações, e, sem sentir, distingue as várias espécies de palavras. (GERALDI,1995, p.119)

Antes de ir para sala de aula, conversei com a professora para explicar o que iria realizar durante o estágio. Ela, muito compreensiva, concordou com tudo e me deu algumas dicas para se dá bem com os alunos em sala de aula.

No dia 21/03/ 2017, cheguei à sala e a professora me apresentou para os alunos, dizendo que iria passar uns dias com eles. Nesse primeiro dia alguns estranharam minha presença, mas no decorrer dos dias eles foram se acostumando. Eles estavam continuando uma atividade do conteúdo passado, que era o que eles estavam estudando “Tipos de frase/ Linguagem do texto”. Nesse dia compareceram 21 alunos no total.

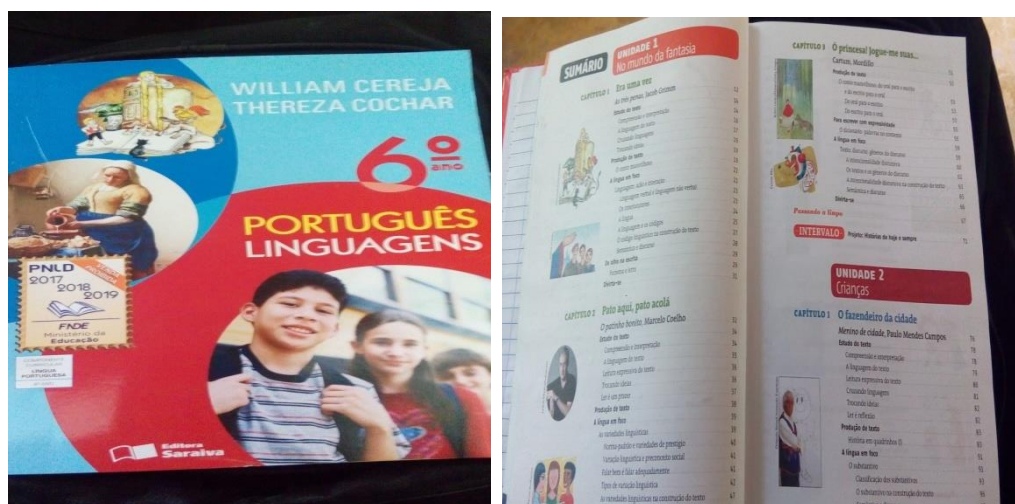
A docente sempre seguia o livro didático, todos os conteúdos são propostos pela Secretaria de Educação. Atualmente o livro aplicado é o do 6º ano, que será trabalhado até o meio do ano letivo e depois passará a utilizar o livro do 7º ano, pois não vai dar de trabalhar apenas um livro porque se não uma das turmas sai perdendo por falta de conteúdo.

Muitos alunos têm dificuldades de fazer trabalhos em grupos ou em duplas. As meninas sempre ficam separadas dos meninos, com exceção apenas de uma que gostava de estar no meio deles brincando.

O livro didático trabalhado na escola do 6º ano é de autoria de William Cereja e Thereza Cochar – Português/Linguagens. Por ser contratada a docente utilizava apenas esse livro que é mandado da secretaria (mesmo estudando Educação do Campo, que é ensinado sempre a trabalhar a realidade do aluno e da comunidade). Embora tendo algumas privações, a professora sempre quer está por dentro da realidade dos alunos, pois hoje ela perguntou a um aluno o motivo do qual ele parou de estudar, por estar tão atrasado.

Os alunos têm que aprenderem a trabalhar em equipe e saberem respeitar uns aos outros e, principalmente, seus colegas. Nesse dia, eles trabalharam interpretação de texto.

Figura 21, 22. Livro didático aplicado na escola



Fonte: Arquivo pessoal, 2017

No terceiro dia de observação, a professora foi apenas para corrigir a atividade da aula passada que era interpretação de texto. Ela explicava direitinho como se deve responder a atividade, mas alguns alunos têm dificuldade de interpretar. Tem também aqueles alunos que não se aquietam na sala, gostam muito de brincadeira e de chamar atenção, não esperam o intervalo para brincar. Muitos deles têm vergonha de responder com medo de errar.

Terminada a correção, a professora pediu para eles desenvolver uma história, um conto narrado com suas próprias palavras, realizando assim uma produção textual; essa história valeu nota para disciplina de português.

No dia 30/03/2017 fui à escola, mas não teve aula, pois a professora estava doente. Mas como já estava lá, a coordenadora pediu para que eu ficasse na sala com os alunos, para eles não ficarem sozinhos. Peguei os conteúdos para repassar para os alunos no quadro.

Embora a professora observada não estivesse lá, observei que a disciplina de português está inserida nas outras disciplinas, pois os alunos utilizam a escrita e a leitura como embasamento para outras matérias, havendo assim uma interdisciplinaridade⁵. Foi uma experiência bastante proveitosa para quem está estudando para ser educador.

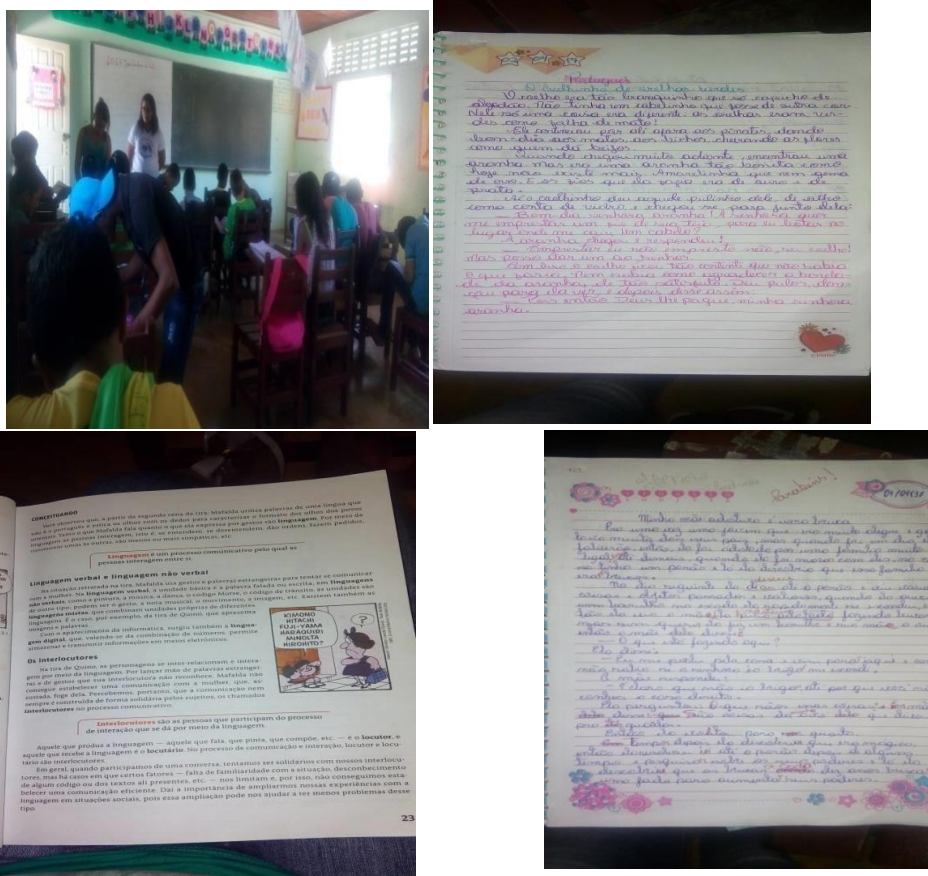
⁵ O termo “Interdisciplinaridade” tem varias concepções de diferentes autores. Para FREIRE (1987) significa, apenas, que há uma visão mais específica, central de um tema, conforme a sua situação num domínio qualquer das especializações, (...) a delimitação temática feita por cada especialista, dentro do seu campo possibilita a integração e a discussão entre as diferentes áreas do conhecimento de modo a contribuir com a interpretação da realidade socioeducativa, (...) a introdução destes temas, de necessidade comprovada por currículos, corresponde, inclusive, a dialogicidade da educação (FREIRE, 1987, p. 115)

Na semana seguinte, a professora corrigiu a atividade passada na aula anterior. Os alunos fizeram a leitura das histórias que produziram. Alguns não quiseram ler lá na frente, pois tinham vergonha. Depois de terminada a leitura, a professora deu o visto que valerá nota para disciplina.

No dia 06/04/2017 começou um novo conteúdo: Linguagem verbal e linguagem não verbal, que faz parte do livro didático Linguagem: ação e interação. Depois que eles copiaram o conteúdo do quadro, a professora explicou e em seguida passou a atividade sobre linguagem, para ser corrigida na próxima aula.

A professora utiliza algumas vezes o quadro branco, não é todo dia; ela busca outras maneiras de dar sua aula, para não ficar apenas no livro didático.

Figura 23, 24, 25, 26. Conteúdos, Explicações, Atividades realizadas pelos alunos, 2017



Fonte: Arquivo pessoal, 2017

No 7º dia de observação, começou um novo conteúdo/Produção de texto: História em quadrinhos, que tinha como tema: “Nina historias da vida”. Na qual os alunos fazem a leitura da historia da Nina, alguns têm dificuldade de falar alto para todos ouvir.

Em seguida, a professora pediu pra eles fazerem uma historia em quadrinhos, no qual já tem as imagens dos personagens, só para eles criarem a historia, fazendo as falas dos personagens. Os alunos vão ter que desenhar as mesmas imagens que estão no livro didático e depois fazer as falas do jeito que eles quiserem, a professora deu total liberdade para eles. Essa atividade irá valer nota tanto para o português quanto para artes. Os alunos gostam muito de desenhar, pois a sala estava em silencio total, todos estavam concentrados na atividade.

No dia 18/05/2017, foi apenas para terminar a história em quadrinhos. Eles continuaram pintando os personagens da história. Quando os alunos terminaram a professora pediu para eles socializarem lá na frente para os colegas. Eles leram a história que fizeram e depois entregaram para professora avaliar.

A docente gosta muito de trabalhar com a socialização dos trabalhos e que os alunos façam as atividades em grupos ou em duplas, sempre mantendo o companheirismo.

No ultimo dia de estágio, a professora trabalhou o projeto de leitura com os alunos, no qual este é de suma importância para eles, pois muitos não sabem ler direito e com o projeto está melhorando na leitura.

Ela resolveu realizar essa atividade porque viu que alguns alunos tinham dificuldade de leitura ou de compreender algumas palavras. Então ela pegou alguns livros que estavam guardados, entregou para os alunos, escolheu uma história e eles foram lendo, cada um lia um parágrafo ou uma história inteira.

Com este estágio percebi que, a escola tem diferente saberes, mas não são muito valorizados por alguns professores, principalmente os que vêm de fora. Esses saberes vêm através de cada aluno e suas tradições familiares, na qual deveriam ser pesquisados pela escola e praticados no currículo escolar, sendo assim aplicado no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola que ainda está em construção. Alguns professores nem conhece a realidade de cada aluno. Essa relação deveria ser do modo como cita Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, p.39)

Além disso, foi muito importante para mim, pois pude perceber as dificuldades encontradas pelos os educadores do campo para conseguir ministrar as aulas.

2.4 Regência em Sala de Aula na Turma do 6º e 7º Ano da E.M.E.F. José Cordeiro da Silva

Os encaminhamentos deste estágio regência foram realizados pelo professor da disciplina, que nos orientou como devíamos fazer o projeto para apresentar à escola. Este projeto foi desenvolvido a partir das observações feitas no Tempo Localidade anterior. Trazendo as problemáticas encontradas em sala de aula, tentando solucioná-las.

Sendo assim, no dia 22/09/2017 fui à escola apresentar a proposta do projeto à gestão escolar; levei todos os documentos necessários para a realização da pesquisa. A diretora aprovou de imediato o estágio, assinando prontamente todos os documentos. Logo em seguida, fui conversar com professora regente da turma, pra podermos fazer um plano de aula que suprisse todas as necessidades, a minha, a da escola e a dos alunos.

Vi quais os conteúdos que iriam trabalhar no bimestre para poder adaptar ao projeto. Comecei o estágio na primeira semana de outubro, pois a professora estava terminando de passar as avaliações pros alunos. Eu e o Lucas Mateus trabalhamos os objetivos separadamente, cada qual na sua área, mas sempre envolvendo as outras áreas.

Relatos passo a passo do projeto (aula por aula)

Antes de começar a ministrar a aula, fiz a sequencia didática⁶ que seria trabalhada em sala de aula. Elaborei também plano para todos os dias de aula, como mostra a seguir:

Disciplina: Língua Portuguesa/História, Data: 03/10/17 Conteúdos: Cultura, Objetivos específicos: Pesquisar no dicionário o significado de cultura; Identificar as diferentes culturas existentes na comunidade; Produzir um texto do que foi estudado.

Metodologia: Pesquisa no dicionário; Aula dialogada; Produção textual;

Recursos didáticos: Lápis, caneta, dicionário, caderno, papel A4, notebook, etc.

Comecei o meu estagio na turma do 6º e 7º ano, a professora não participou das atividades, pois estava fazendo um trabalho à parte. Primeiramente me apresentei para turma, depois falei a proposta do projeto que iríamos trabalhar juntos.

Em seguida, comecei a falar sobre cultura, que é o tema que vamos abordar nesse dia. Posteriormente pedi para eles pesquisarem o significado de cultura no dicionário e copiar no

⁶ Segundo Oliveira (2013) é um procedimento simples que compreende um conjunto de atividades conectadas entre si, e prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino- aprendizagem. (OLIVEIRA, 2013, p. 39)

caderno. Li também o texto que falava do tema e expliquei para eles. Pedi também alguns exemplos de cultura que conheciam dentro da comunidade. Foram citados vários exemplos como: dança, comida, música, religião, etc; todos esses hábitos e costumes que vão mudando de acordo com o lugar que estamos.

Após tudo isso, falei pra elaborarem uma produção textual sobre o que eles entenderam do assunto estudado. No final corrigi alguns cadernos dos que terminaram logo, os outros ficaram pra me mostrar na próxima aula.

Disciplina: Língua Portuguesa/Historia, Data: 05/10/17, Conteúdos: Continuação da aula anterior/ Contexto histórico do cupuaçu, Objetivos específicos: Correção da produção textual; Conhecer o contexto histórico do cupuaçu

Metodologia: Aula dialogada, Escrita no caderno e Leitura e interpretação do texto

Recursos didáticos: Lápis, caneta, caderno, papel A4, notebook, etc.

Hoje fizemos a continuação da atividade da aula passada. Os alunos que não terminaram a produção iam continuar fazendo para depois corrigir.

Feita a correção, começamos um novo conteúdo sobre o contexto histórico do cupuaçu. Escrevi o texto no quadro branco para eles copiarem no caderno, para depois fazermos a leitura coletivamente. Mas não concluímos o texto, ficou para próxima aula.

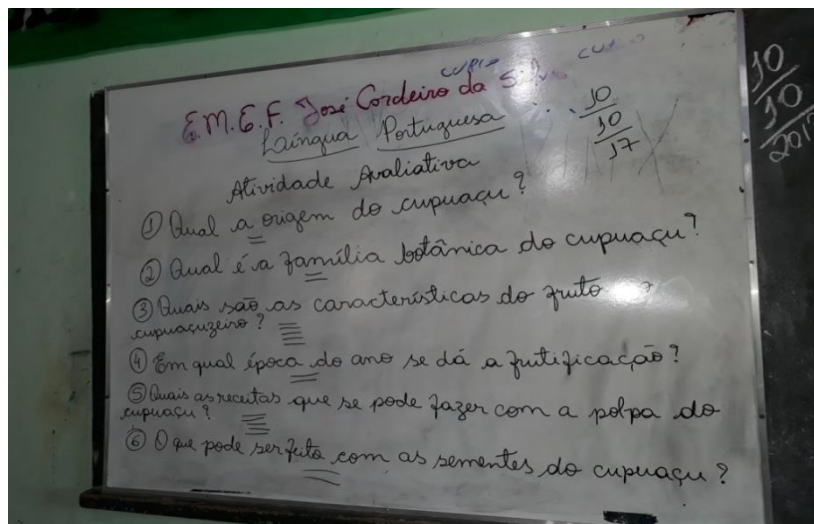
Disciplina: Língua Portuguesa/Historia, Data: 10/10/17, Conteúdos: Continuação da aula anterior; Objetivos específicos: Continuar a copiar o texto; Realizar uma atividade para responder de acordo com o texto; Corrigir a atividade;

Metodologia: Leitura e interpretação do texto; Correção da atividade; Aula dialogada;

Recursos didáticos: Lápis, caneta, caderno, papel A4, notebook, etc.

Fizemos a continuação da aula anterior, que era terminar o texto do cupuaçu. Em seguida passei uma atividade no quadro branco para eles responderem de acordo com o texto. Quando terminaram de copiar e responder fui corrigir a atividade de quem já tinha concluído. Os restantes ficaram pra entregar na aula seguinte.

Figura 27. Atividade passada no quadro branco para os alunos,



Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Disciplina: Língua Portuguesa, Data: 17/10/17, Conteúdos: Produção textual, Objetivos específicos: Realizar uma produção textual com o tema: “Produção do cupuaçu”; Socializar o texto produzido com os colegas;

Metodologia: Produção de texto; Socialização; Correção da atividade; Recursos didáticos: Lápis, caneta, caderno, papel A4, notebook, etc.

Neste dia, terminei de corrigir a atividade passada de alguns que não terminaram a tempo. Posteriormente pedi para os alunos realizarem uma produção textual com o tema “produção do cupuaçu”. Fiquei monitorando eles para ver como estavam se saindo no texto. Alguns terminaram logo e entregaram antes da aula acabar, os outros entregarão na próxima aula. Li alguns dos textos e observei que os alunos são bastante criativos.

Disciplina: Língua Portuguesa, Data: 19/10/17, Conteúdos: Ditongos, hiatos e tritongos/ Acentuação, Objetivos específicos: Conhecer os encontros vocálicos; Diferenciar os encontros vocálicos existentes; Realizar uma atividade de acordo com o que fora trabalhado; Observar em quais circunstâncias os encontros vocálicos é acentuado; Responder uma atividade no livro didático;

Metodologia: Conteúdo passado no quadro branco; Explicação do conteúdo; Aula dialogada; Resolução de atividades. Recursos didáticos: Lápis, caneta, pincel, caderno, papel A4, notebook, etc.

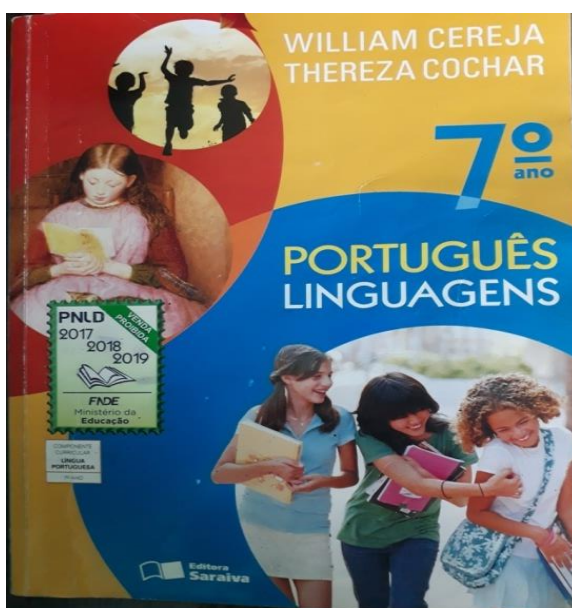
Começamos outro conteúdo, no qual faz parte do 4º bimestre escolar. Adaptei ao projeto “Ditongos, hiatos e tritongos”. Primeiramente passei o mesmo no quadro branco, depois fiz a explicação dando alguns exemplos, para que os alunos pudessem diferenciar tais

encontros vocálicos. Em seguida, passei uma atividade para eles separarem as sílabas e dizer qual encontro vocálico era a palavra. Todos os alunos conseguiram responder a atividade e entender o conteúdo.

Na próxima aula iremos trabalhar a acentuação dos ditongos e hiatos, que será a continuação desta.

No dia 26/10/2017 foi a continuação da aula passada. Trabalhamos a acentuação dos ditongos e hiatos. Primeiramente fiz a explicação do conteúdo do livro didático, e em seguida, falei para eles copiarem a atividade do livro (p. 94, 95, 96 e 97) e logo depois responder. Não deu tempo de corrigir nessa aula, pois foi poucas horas; ficará para o dia seguinte. A visita de campo que vamos realizar será adiada para próxima semana.

Figura 28. Livro didático aplicado na escola, 2017



Fonte: Arquivo pessoal

No dia 31/10/2017 íamos realizar a visita ao sitio de seu Francisco, mas não deu certo, pois está chovendo e não tem condições de levar os alunos para o mesmo, porque tem muita lama e está tudo molhado. Tivemos que adiar novamente para próxima semana.

Obs.: Não teve aula normal hoje, pois não vieram todos os alunos; faltaram também alguns professores. Teve aula somente até o recreio.

Na semana seguinte, fizemos a correção da atividade sobre acentuação dos ditongos e hiatos que não foi realizada. Corrigi juntamente com os alunos no quadro branco. Logo depois, para descontrair fizemos uma brincadeira. Os alunos gostaram bastante dessa descontração, pois é sempre bom sair da rotina.

Obs.: Seu Francisco estava para a cidade se consultando, por isso não fomos para o sítio ver o plantio de cupuaçu.

Como não deu de irmos para a visita logo, resolvi começar a história em quadrinhos.

Os alunos iriam fazer uma história (diálogo) sobre a produção do cupuaçu, mostrando todas as etapas do plantio; como se planta o caroço, a época que o fruto começa a cair, desde a extração da polpa até o processo de venda. Eles começaram a fazer o desenho e depois quem fosse terminando, iam logo pintando. Apenas alguns alunos conseguiram terminar a atividade.

Figura 29, 30. História em quadrinhos realizada pelos os alunos



Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Finalmente no dia 14/11/2017 fomos fazer a visita ao plantio de cupuaçu. Os alunos gostaram bastante da ideia de sair da sala de aula e estudar ao ar livre.

Chegando lá, seu Francisco (morador da comunidade) pegou algumas frutas (manga, cupu, jaca) e deu para os alunos comerem. Em seguida, começou a explicar tudo sobre a

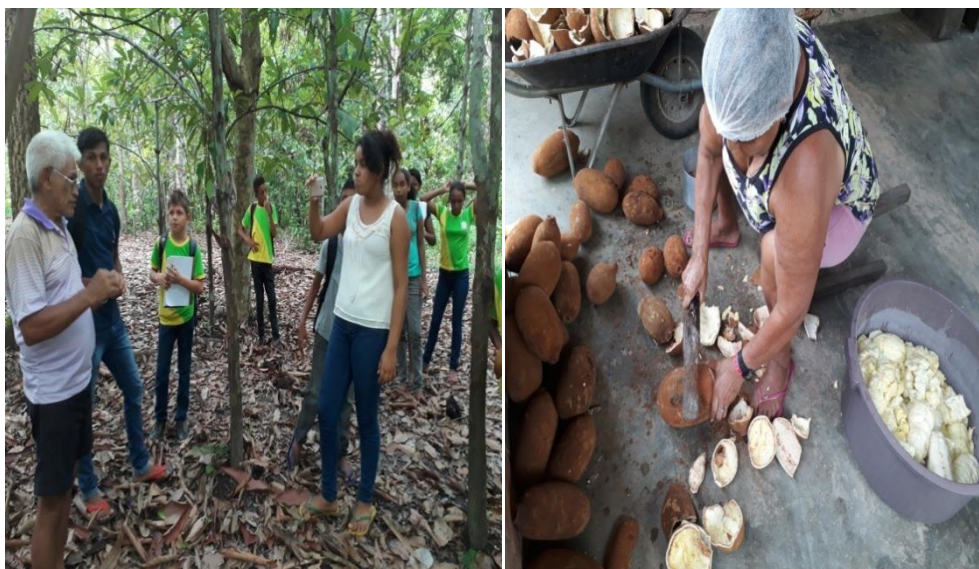
plantação do cupuaçu: falou sobre como se planta, colhe e também como chegou a produção do cupuaçu à comunidade (esta veio através de um projeto no começo do PA).

Os alunos tinham elaborado algumas questões sobre a área do plantio; depois eles tiraram suas dúvidas de acordo com o que era explicado.

Obs.: Quando as famílias foram remanejadas para o assentamento, não existia nenhum plantio, tinha apenas pés de cupus nativos da mata.

Terminada a visita, os alunos voltaram às suas atividades normais na escola.

Figura 31, 32. Visita ao sitio de cupuaçu e processo de corte da fruta



Fonte: Arquivo pessoal, 2017

Com esse estágio, percebi que os docentes e a escola têm dificuldades em desenvolver conteúdos relacionados ao contexto cultural local. E que não buscam um diálogo com as histórias de vida dos povos do campo, deixando de lado as práticas existentes. Essa relação deve ser feita através da ação de todos envolvidos, buscando sempre dialogar com a comunidade e as questões socioculturais.

2.5 Observação em Sala de Aula na Turma do 3º Ano da E.E.E.M. Dr. Abel Figueiredo

Os encaminhamentos deste estágio foram realizados também pelo professor da disciplina, que nos orientou como iríamos observar no Ensino Médio. Observar as concepções de trabalho presente e como os alunos entendem por esse tema.

Assim, no dia 26/03/2018 entreguei a documentação à gestão escolar, para eles aprovarem meu estagio; assinaram e carimbaram as papeladas. Iria realizar o estagio nas três turmas da noite, 1º 2º e 3º ano, mas ocorreram alguns imprevistos e não pude realizá-lo no 1º

e 2º ano. Então fui obrigada a fazer apenas no 3º ano, pois só tinha uma professora de português, era duas que a escola tinha. A disciplina que irei observar é a Língua Portuguesa. Conversei com a professora, para ver que dia poderíamos começar, e ela disse que poderia ser quando eu quisesse, então, marcamos para o começo do mês de abril.

Relatos passo a passo da observação

Comecei o estagio no dia 04/04/2018, no período da noite na turma do 3º ano do Ensino Médio. Na comunidade Castanhal Araras as aulas vão até 9º ano, depois os alunos se deslocam para cidade de São João Araguaia para concluir o Ensino Médio, aproximadamente 26 km de distancia. A escola do município atende aos alunos de quase todas as vilas.

A professora começou a aula cumprimentando os alunos com uma boa noite. Logo depois, passou a revisão do conteúdo concordância verbal para avaliação que será na próxima semana. O objetivo da atividade é para os alunos revisarem o conteúdo da prova e aprender um pouco mais.

Observei que o ambiente da sala havia um pouco de barulho, pois os alunos estavam inquietos por causa dos trabalhos que tem para terminar. Compareceram 21 alunos em sala, 08 mulheres e 11 homens. Percebi também que a infraestrutura da escola estava um pouco prejudicada, pois alguns alunos riscam a parede da sala sem se preocupar com nada. As mulheres conversam um pouco, mas o assunto é sempre o conteúdo estudado. E os homens falam mais conversas paralelas.

O conteúdo trabalhado não tem diálogo com a realidade do aluno, pois este faz parte da gramática normativa. Percebi que a professora interage bastante com os alunos em sala de aula; e as cadeiras da sala ficam enfileiradas; os meninos são mais folgados e sentam de todo jeito na cadeira; as meninas são mais empenhadas em desenvolver as atividades propostas. A dinâmica desenvolvida em sala é aula com livro, pois os professores são presos ao livro didático passado para escola. A escola tem um uniforme padrão, mas nem todos respeitam a norma de usar o uniforme nas aulas, apenas alguns utilizam.

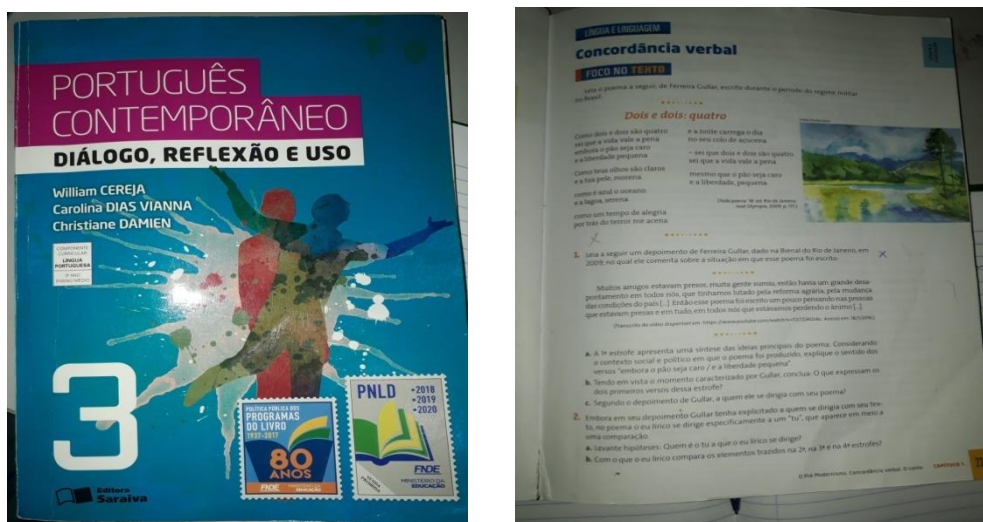
Nos dias 11, 13 e 18 de Abril de 2018, tive que fazer uma paralisação no meu estágio, por que a comunidade depende do ônibus escolar e as estradas estavam cortadas por causa do período chuvoso; o ônibus não pode levar os alunos e este passou quase um mês parado; algumas pontes acabaram caindo, tudo estava em péssimas condições.

No quinto dia de observação a professora chegou no horário, às 19h00min. O conteúdo trabalhado é interpretação de texto. O objetivo dessa atividade é trabalhar a leitura e escrita dos alunos. Estes se sentem mais a vontade em realizar as atividades em sala quando estas valem alguma nota (atividade realizada em coletivo).

Estava sendo trabalhada aula com livro, pois a escola segue o livro didático, apenas a norma padrão. Percebi que alguns estudantes não trazem o seu material, pois não tem nenhum interesse de estudar, preferem ficar fora da sala. E dentro da sala há bastante conversa paralela que acaba atrapalhando o desempenho de muitos. Os alunos não tomam nota de nada que professora está explicando e estes anotam apenas quando a professora manda. A professora, por sua vez, tenta compreender porque alguns alunos não ficam quietos.

A professora não tem muito tempo para corrigir as atividades dos alunos, pois ela trabalha de manhã, tarde e à noite, e com isso acaba corrigindo as atividades no horário em que os alunos estão fazendo alguma atividade em sala. Percebi que a professora tem essa jornada de trabalho para tentar manter uma vida mais digna e sustentar a família, pois o (a) professor (a) não é valorizado e seu salário é péssimo.

Figura 33, 34. Livro didático aplicado na escola do Ensino Médio, 2018



Fonte: Arquivo pessoal

No sexto dia de estágio, a aula começou nos últimos horários e alguns alunos estão bastante cansados, pois alguns passam o dia todo trabalhando. Fizemos a continuação da aula anterior. O trabalho foi a leitura da produção textual que foi realizada na aula passada. Os alunos têm um pouco de dificuldade para ler, muitos não gostam dessa dinâmica. Cada

atividade passada vale nota, para que eles tenham mais interesse. Pude perceber que os alunos acabam ficando agitados nos últimos horários, pois querem ir pra casa.

Percebi que algumas alunas que estudam têm filhos e não tem com quem deixar, com isso acaba trazendo-os para a escola, pois estas querem apenas concluir seus estudos e não tem outra opção. Todos os conteúdos não têm nada haver com a realidade dos alunos, apenas é trabalhada a norma padrão, seguindo o livro didático. Alguns alunos voltaram para casa, pois vieram de bermuda e a escola não permite a entrada na sala de aula. Com isso, acabou deixando a sala mais vazia.

No dia 18/05/2018, a aula começou às 19h00min, primeiros horários. Os alunos se sentem menos agitados no começo da aula. Está sendo trabalhado o português 2 (como é chamado a aula de redação), no qual a professora trabalhou textos de redação com os alunos para que eles possam desenvolver a escrita e a leitura. Depois de realizar a redação, os alunos fizeram a leitura de seus textos produzidos. Percebi também que alguns alunos tinham dificuldade em produzir um texto, pois em alguns falta coerência. E a timidez não deixa eles fazer a leitura, pois os mesmos têm medo das criticas dos colegas.

Na semana seguinte, a professora começou a aula passando uma atividade resumindo tudo que foi estudado sobre o modernismo, valendo nota. Quando a atividade é valendo nota, os alunos se concentram mais. O objetivo dessa atividade é revisar o conteúdo visto sobre o modernismo. A professora, por sua vez, estava ministrando aula em duas salas ao mesmo tempo, pois faltou professor e ela teve que subir horário; deixou os alunos em sala fazendo atividade. Em sala, o clima está um pouco quente e os alunos ficam incomodados. A dinâmica de ação utilizada pela professora é aula com livro, pois a escola segue bastante o livro didático. Todos os alunos estão frequentando a escola vestido de calça, pois é a norma agora em diante. No dia 30/05/2018, começou um conteúdo sobre concordância nominal, realizada no livro didático. Foi apenas aula explicada, leitura, e, realização de atividades propostas.

No décimo dia de observação, o conteúdo trabalhado foi concordância nominal. Os alunos irão continuar a atividade que começaram sobre o mesmo. A professora disse que tudo que foi estudado iria cair na prova, que está quase pra acontecer. A dinâmica utilizada pela professora é aula com livro, realizada em sala de aula. Alguns alunos chegaram atrasados, pois dependem do ônibus escolar e não tem outro meio de transporte para ter acesso à escola. O conteúdo trabalhado não tem nada haver com a realidade do aluno, pois é tirado do livro

didático. O objetivo da atividade é mostrar um pouco do português falado e o português padrão que as pessoas utilizam no dia a dia.

No último dia de estágio, a professora fez a continuação da redação do português 2, sobre a “situação do idoso no Brasil”, que tem como objetivo trabalhar a escrita e a leitura do aluno. Quando concluíram a produção textual realizaram a leitura em voz alta para os colegas, e por fim, entregaram para professora, que irá corrigir em casa. Vieram poucos alunos, pois é sexta-feira e alguns não gostam de estudar neste dia.

Com este estágio, percebi que os alunos da E.E.E.M Dr. Abel Figueiredo veem o trabalho como algo que precisa ser remunerado e não com um princípio educativo, pois quando os mesmos estão ajudando seus familiares sempre haverá o ensino aprendido dentro desta prática. Contudo, os alunos veem apenas como uma coisa pra suprir as necessidades do dia a dia, para sobreviver. Ao contrário do que mostra no Dicionário da Educação do Campo:

No caso do trabalho como princípio educativo, trata-se de compreender a importância fundamental do trabalho como princípio fundante na constituição do gênero humano. Na construção da sociedade, cabe interiorizar desde a infância o fato de que todo ser humano, enquanto ser da natureza e, ao mesmo tempo, distinto dela, não pode prescindir de, por sua ação, sua atividade física e mental, seu trabalho, retirar da natureza seus meios de vida. (Dicionário da Educação do Campo, p. 751)

Pude observar também, que a formação dos alunos das escolas do Ensino Médio no campo deixa a desejar, pois um aluno que estuda em zonas rurais não tem nenhuma chance de competir com aquele que estuda no Ensino Médio técnico (zona urbana), sempre ficando atrás na disputa por um emprego digno para sobreviver. Porém estes alunos (zona rural) estão dispostos a enfrentar esse estudo precário para conseguir seu diploma. E estas escolas apenas querem cumprir carga horária, pois estão sujeitas às necessidades do capitalismo, formando sujeitos submetidos à mão de obra barata das empresas.

2.6 Regência em sala de aula na turma do 3º ano da E.E.E.M. DR. Abel Figueiredo

O projeto de intervenção realizado na Pesquisa VII e Estágio IV foi intitulado “Transporte escolar: políticas públicas de oferta de Ensino Médio aos sujeitos do campo de São João do Araguaia”. O planejamento e execução das ações foi realizado de forma interdisciplinar com o discente Lucas Mateus Santos da Silva, também da Licenciatura em Educação do Campo, área de Matemática. Os encaminhamentos da Disciplina Pesquisa Sócio-educacional VII foram feitos pela professora regente, que nos orientou sobre o eixo

temático que era trabalho e juventude e nos explicou que iríamos realizar uma pesquisa-ação, tendo trabalho como princípio educativo.

Os encontros de planejamento das ações do projeto foram realizados nos dias 11, 19 e 24 de Setembro de 2018. Nesses encontros definimos que seriam necessárias 30 horas/aulas para fazer as seguintes etapas: Entrega de documentação a direção; Apresentação do projeto à gestão escolar; Discussão com os professores regentes; Intervenção em sala de aula.

Assim, no dia 19/09/2018 fomos à escola no ônibus escolar para apresentar o projeto e entregar a documentação da Universidade à gestão escolar. Conversamos com o coordenador, pois o diretor não se encontrava na escola. O coordenador recebeu nossos documentos e também o nosso projeto para depois entregar ao diretor. Neste dia, tivemos que assinar um termo de compromisso que nos limitava de algumas coisas para podermos realizar o estágio.

No dia 24/09 fomos à escola conversar com os professores regentes sobre o assunto que estava sendo trabalhado em sala de aula, para podermos adaptar nosso projeto. Combinamos ainda, o dia que iríamos começar o estágio e também falamos sobre a proposta do projeto com os alunos para eles ficarem cientes do que íamos fazer.

Começamos a desenvolver a intervenção em sala de aula no dia 26/09. Primeiramente fizemos um plano de aula no período da tarde para realizar em sala de aula. A seguir, em sala, fizemos com os alunos a dinâmica “quebra gelo”, na qual eles falavam o nome completo, onde morava e o que faziam no período que não estava estudando. Todos nos receberam muito bem nesse primeiro dia.

No segundo dia de intervenção, fizemos um levantamento de dados para saber a quantidade de alunos da zona rural que depende do ônibus escolar pra chegar até a escola. Para conseguir esses dados elaboramos um questionário escrito e passado no quadro para eles responderem. Feito esse levantamento em sala, fomos nas outras turmas para coletar algumas informações complementares. A seguir, para ajudar na discussão sobre o transporte escolar trouxemos um texto sobre “Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar” (PNATE); separamos os alunos em grupos para realizarem a leitura e discussão do mesmo; explicamos e passamos uma atividade para melhor compreensão.

A terceira aula de intervenção aconteceu no dia 22/10, trouxemos o conteúdo noções de estatísticas na disciplina de Matemática. Utilizamos o livro didático do professor regente para fazer a explicação do conteúdo, trazendo alguns exemplos. A seguir, passamos uma atividade no livro para melhor compreensão. No dia seguinte, teve a continuação do conteúdo estatística, fizemos a correção da atividade passada na aula anterior. Posteriormente, na aula

de português, como já tínhamos discutido o texto PNATE, passamos uma atividade sobre o mesmo para melhor compreensão da importância do transporte escolar. Em seguida, fizemos a correção de acordo com o texto. Terminada essa atividade, os alunos fizeram uma redação sobre o transporte escolar para depois fazerem a leitura.

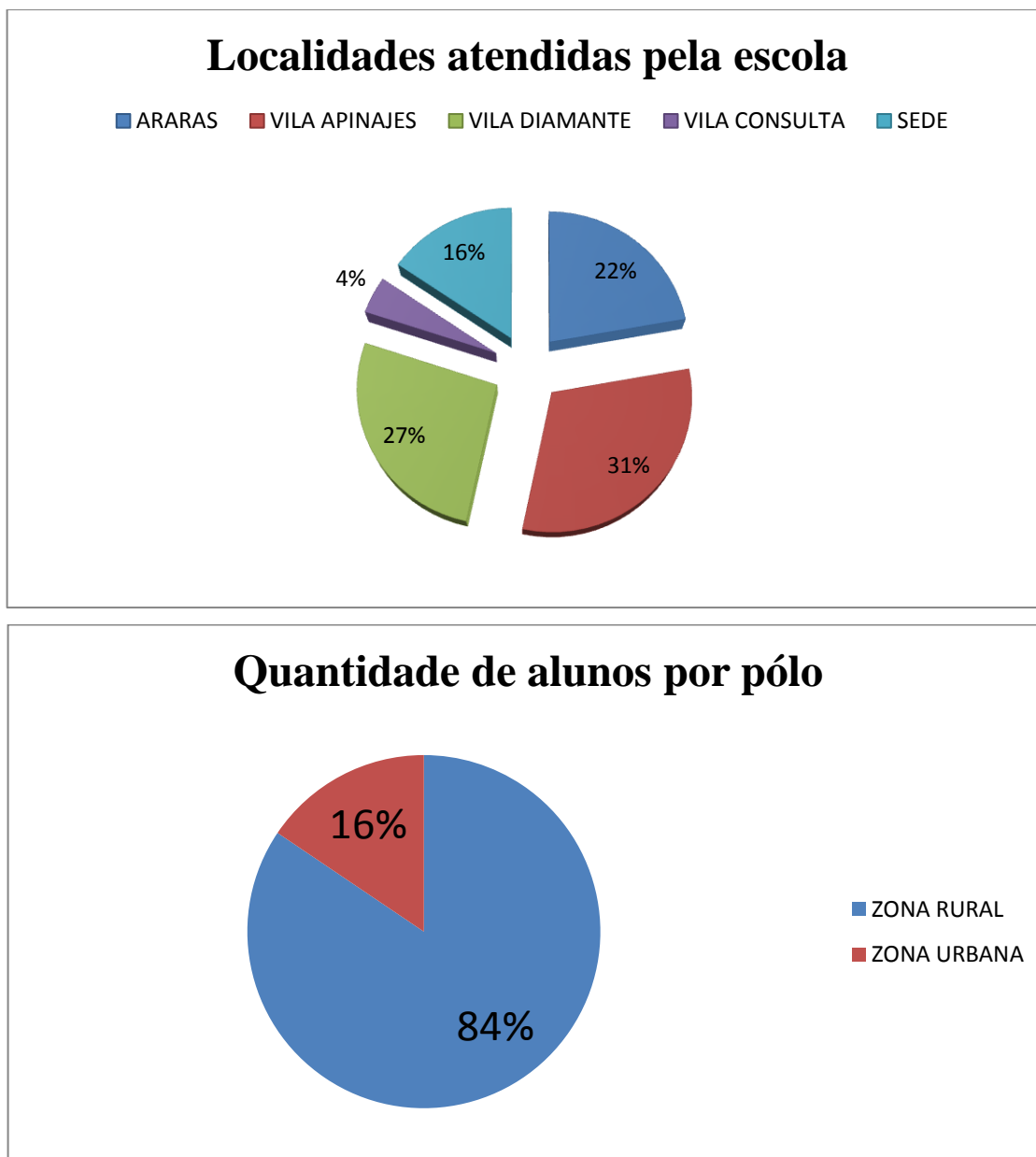
No dia 29/10 aconteceu a quinta intervenção na aula de Matemática. Fizemos uma atividade sobre distribuição de frequências. No dia seguinte teve a explicação do conteúdo dessa atividade, vimos os vários tipos de distribuição de frequências: frequência absoluta, frequência relativa e frequências acumuladas. Trouxemos exemplos da realidade dos alunos para que eles compreendessem melhor o assunto. Posteriormente, a sétima intervenção aconteceu na aula de português. Fizemos apenas a continuação da correção da atividade passada na aula anterior, pois não deu tempo de concluí-la antes.

No dia 02/11 reunimos os alunos em roda para eles fazerem a leitura da redação que haviam elaborado na aula passada. Esta redação era um método avaliativo do 4º bimestre. Na aula seguinte de Matemática, no dia 05/11, fizemos a resolução das atividades propostas no quadro branco sobre distribuição de frequências. No dia seguinte, trouxemos uma atividade avaliativa pronta sobre todos os conteúdos estudados na disciplina de Matemática, que serviria para nota do 4º bimestre. E por fim, no dia 07/11 fizemos algumas discussões sobre o tema do projeto, as reflexões deixadas no decorrer da intervenção e a importância do transporte escolar na vida de cada aluno. Além disso, fizemos a dinâmica do “presente” para agradecer a colaboração de todos envolvidos nessa pesquisa.

No levantamento de dados realizado na pesquisa foi coletada uma amostra de 45 alunos da escola. Com esses dados fizemos a análise e percebemos que 84% dos alunos atendidos pela escola são da zona rural e apenas 16% fazem parte da zona urbana. Alunos estes, que vêm das principais vilas, como: 10 alunos da Vila Araras, 02 da Vila Consulta, 12 da Vila Diamante, 14 da Vila Apinagés e 07 da sede.

Os alunos que fizeram parte da pesquisa estão representando a escola como um todo, pois esta é composta pela maioria dos alunos da zona rural. Como mostra o gráfico a seguir:

Figura 35, 36. Gráficos das localidades atendidas pela escola e a quantidades de alunos por pólo



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora

O transporte escolar é muito importante na vida desses alunos, pois todos querem ter uma formação digna. Mas a escola fica longe de seus lares e a única opção é sair do conforto e passar horas em um ônibus para chegar até a escola. Ou então, sair pra cidade pra poder estudar; abandonar suas origens e ir enfrentar os estudos na zona urbana mesmo.

Assim, esses alunos e/ou jovens do campo veem a formação escolar como uma forma de sair do campo. Mas essa decisão de sair do campo é algo que envolve várias questões

como: a falta de oportunidades de emprego, desvalorização da mão de obra, desavenças familiares e tantas outras.

A juventude do campo é constantemente associada ao problema da “migração do campo para cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados. (Dicionário Da Educação Do Campo, 2012, p.441)

Contudo, devemos abrir os olhos desses alunos e mostrar para eles que não precisam largar suas origens e identidades para tentarem sobreviverem com outras condições. Pois, no campo o trabalho praticado por eles não precisa ser assalariado, porque tudo enquanto que eles se dedicam dá trabalho. No entanto, estão praticando as outras formas de trabalho que ajuda na reprodução humana. E, além disso, muitos jovens perdem o vínculo com o campo, pois alguns têm vergonha de suas origens e outros acabam priorizando o estudo na cidade. Como afirmam Caldart, Paludo, Doll (2006):

A educação pelo trabalho, em geral, dá-se pela reprodução da existência, seja na perspectiva da manutenção da própria vida, seja na vida dos outros. Dessa lógica, na sociedade atual, quando falamos de trabalho logo nos vem em mente o trabalho assalariado, na sua forma de emprego, e esquecemos as diversas outras formas não assalariadas que promovem a reprodução da existência humana. (CALDART; PALUDO, DOLL, 2006, p. 105)

(...) muitos jovens, mesmo estando no campo, perdem o vínculo com o trabalho na roça, e isso se dá principalmente entre os que se dedicam aos estudos. No âmbito da família, o estudo não tem valor de trabalho, mas, na visão dos pais, é ele que vai garantir o futuro melhor para os filhos (...) (CALDART; PALUDO; DOLL, 2006, p. 106)

Portanto, devemos mostrar para a juventude de hoje em dia que trabalho não é somente àquele assalariado, para suprir as necessidades do dia a dia. E sim também àquele que nos ajuda como seres humanos, dando-nos conhecimento para produzir e reproduzir.

2.7 Uma proposta de diálogo com a comunidade Castanhal Araras

Durante essa jornada do Curso, percebi que a Comunidade pesquisada foi de suma importância para mim e, por isso, senti a necessidade de devolutiva para a mesma. Dialogando juntamente com a escola e alunos, desenvolvemos uma coletânea de memórias, que manterá a história local viva e servirá para a formação de alunos (as) da comunidade.

Assim, no dia 5 de Março de 2019 fui à escola José Cordeiro da Silva, localizada no PA Castanhal Araras, município de São João do Araguaia. Esta intervenção fiz juntamente com os professor regente da escola, trabalhei com os alunos do 6º ano as memórias de alguns moradores da Comunidade.

No dia 8 de Abril fui à escola da comunidade para conversar com a diretora e apresentar para ela a proposta de pesquisa do TCC. A diretora como sempre, me recebeu muito bem e gostou muito da ideia da coletânea de memórias que irei desenvolver juntamente com os alunos. No dia seguinte, fui conversar com o professor regente para explicar para ele o que eu pretendia fazer na escola. Expliquei também, que a diretora tinha aceitado que eu fizesse minha intervenção e conversei com ele sobre os conteúdos que estavam sendo trabalhados em sala. Ele, por sua vez, gostou da minha ideia de desenvolver essa coletânea, que irá contribuir bastante com o ensino aprendizado da escola. Em seguida, marcamos o dia em que íamos começar a intervenção, ficou combinado para o dia 11 de abril.

No dia seguinte, fui à casa de morador pioneiro para conversar com ele. Recebeu-me super bem, pois nos conhecemos há bastante tempo e sempre vivi no assentamento com meus pais, sai em 2014 para cidade para poder estudar, fazer uma graduação. Lá na casa do senhor Raimundo, expliquei para ele o que eu estava fazendo na escola e o que eu queria dele. Expliquei que na intervenção quero fazer uma sessão de contação de histórias sobre as memórias dos moradores. Como o senhor Raimundo é um pioneiro do assentamento pedi para ele contar a história da Comunidade para os alunos, explicar para eles como se formou o assentamento e como se deu a luta pela terra no começo e também falar das dificuldades enfrentadas pelos posseiros.

No dia 11 de abril comecei a atividade em sala de aula. Apresentei-me a turma do 6º ano, alguns alunos já me conheciam e ficaram felizes por eu estar fazendo esse trabalho com eles. Comecei a aula falando da história da comunidade, o que aconteceu no começo do assentamento. Discutimos as memórias existentes como, migração, luta pela terra, estradas, saúde, educação e produção na comunidade no decorrer da intervenção. Vamos focar nessas memórias e confeccionar a coletânea em cima desses temas (memórias). Em seguida, pedi para eles desenharem a partir dos temas, descrevendo cada memória em seus desenhos. Eles acharam interessante essa parte de desenhar e todos concluíram seus desenhos com sucesso.

Figura 37. Alunos realizando as atividades propostas em sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

No dia 15 de abril foi o dia que marquei com o senhor Raimundo Barbosa a contação de história. Ele, por sua vez, compareceu para realizar o que combinamos. Primeiramente apresentei o convidado e expliquei para os alunos o que o senhor Raimundo ia fazer, falei também para eles prestarem atenção nas memórias que nós já havíamos pontuado antes, pois depois eles iriam fazer um trabalho. Após a contação de história, o nosso convidado se retirou e ficamos em sala de aula para fazer outro trabalho com eles.

Figura 38. Contação de História em sala de aula com o Sr. Raimundo



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Pedi para os alunos recontar a história da comunidade pontuando as memórias já estudadas para podermos colocar na coletânea de memórias. Dividi os temas para cada aluno conforme ia passando, ajudava cada um deles a desenvolver esta história de acordo com que eles entenderam. Em seguida, terminado esse trabalho pedi para eles pegar os desenhos que eles haviam feito para poder colorir, todos amaram esta parte, concluíram com sucesso. A partir disso, as aulas continuaram normalmente.

Essa intervenção foi muito importante para mim e principalmente para comunidade/escola, pois ficarão registrados importantes fatos que aconteceram no começo do assentamento e servirá tanto para a escola quanto para comunidade, que juntas em parcerias poderão ajudar no processo de não esquecimento dessas memórias.

Todos os estágios e pesquisas realizados foram bastante aproveitados, trabalhamos a leitura e escrita em todos eles. A escola da comunidade tem essa tarefa de ensinar de forma pluralizada, mostrando a importância da história local nos seus diferentes momentos. Além disso, os professores têm que proporcionar o contato dos alunos com a leitura e escrita, estimulando a busca de diversos textos a serem lidos, como afirma Manys (2017):

Como a escola tem como sua principal tarefa ensinar os alunos a ler e escrever, os professores que nela atuam, devem ter a plena consciência dessa importância perante os alunos e, devem proporcionar momentos em que os alunos entrem em contato com a leitura e a escrita, através da observação do próprio professor no ato de ler e escrever, o contato com os mais diversos tipos de textos e participando de um trabalho voltado para o estímulo de aprender a ler e escrever. (MANYS, 2017, p.03)

Temos que incentivar nossos alunos de hoje a buscar o conhecimento, à leitura e escrita, desenvolvendo o gosto pela leitura e buscando sempre o novo, o desconhecido. Podemos fazer isso, criando possibilidades, condições, ambientes que sejam bem aceitos por eles, trazendo sempre o novo para o aprendizado dos alunos, pois “ler significa não só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber.” (MANYS, 2017, p. 04), como afirma Manys (2017):

É nesse sentido que o incentivo à leitura desempenha um importante papel, isto é, conduzir os alunos ao desconhecido, ao um mundo novo de informações e, na escola, cabe ao professor incentivar os alunos a desenvolver o gosto pela leitura, apresentando para os alunos diversos livros, fazendo com que sejam capazes de ler textos diversificados, bem como fazer leituras em lugares diferentes, assim, desenvolvendo atividades para criar condições excelentes de ambiente de leitura. (MANYS, 2017, p. 06)

CONCLUSÃO

Esta pesquisa contribuiu significativamente para o aprofundamento dos conhecimentos a respeito da história, dos fatos históricos e culturais do PA Castanhal Araras, conhecendo e registrando a história de vida de alguns dos moradores desta comunidade. Ainda está mostrando as diferentes formas de manter vivas as memórias históricas de cada local, onde o tempo não mais pode apagar. Além disso, conseguimos contribuir na formação dos alunos da comunidade, ajudando na didática aplicada na escola. As práticas aplicadas no decorrer do Curso foram bastante aproveitadas por todos envolvidos, professores, alunos e comunidade.

Esperamos ter alcançado o objetivo dessa pesquisa, que foi contribuir no processo educativo dos alunos, valorizando a história local. Pois o PA Castanhal Araras faz parte dos primeiros projetos da região e é muito importante sempre manter vivas essas histórias.

Contudo, enfrentamos várias dificuldades durante todo esse processo de construção, a falta de experiências em sala de aula, o sistema dominador das escolas no campo. Mas, ao mesmo tempo, o Curso vem nos capacitar de forma bem híbrida, nos deixando super a vontade nas nossas ideias. Além disso, a comunidade e a escola estavam sempre à disposição para me ajudar no processo de construção do Trabalho de Conclusão, sempre me apoiando nas minhas ideias.

Dessa experiência, deixamos como devolutiva para o PA Castanhal Araras a construção de uma Coletânea de narrativas (memórias) que foi produzido juntamente com a escola José Cordeiro da Silva e os alunos do 6º ano.

Para a produção seguimos alguns passos, como: reunião e apresentação do trabalho para a gestão escolar, discussão com os alunos sobre as principais memórias existentes na comunidade, seção de contação de histórias com um morador local, realização dos desenhos para ilustrar cada tema estudado e confecção de uma Coletânea de Memórias juntamente com os alunos.

Por fim, esperamos que esta pesquisa ajude não somente no PA Castanhal Araras, mas que alcance novos horizontes na educação, ajudando tanto nas escolas quanto nas demais comunidades. Para que, nas práticas curriculares das escolas, os alunos consigam enxergar de forma pluralizada o campo histórico local e que se reconheçam como sujeitos transformadores da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A história do cupuaçu. Disponível em: <<http://poderdasfrutas.com/a-história-do-cupuaçu/>>. Acesso em: 16 de setembro de 2017.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens.** – 9. ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2015.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS – CNM. **Programas Educacionais: Pnae, Pnate, PDDE e Mais Educação – O que o município precisa saber.** Brasília: CNM, 2014. In: WWW.criança.mppr.mp.br, 09/09/2018 às 10h: 17min.

CORTESÃO, Luiza; STOER, Stephen. **Investigação-ação e a produção de conhecimento no âmbito de uma formação de professores para a educação inter/ multicultural.** Educação, Sociedade e Culturas, nº 7, 1997, pp. 7-28

D'AMBROSIO, UBIRATAN/ **elo entre as tradições e a modernidade** – 4ed. Belo Horizonte /2011.

Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Saete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FECAMPO/UNIFESSPA. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.** ICH. Marabá-PA, 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 20º Ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17º Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem.** -3º Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1995. – (Texto e Linguagem).

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 1999.

MANYS, Heliton. **A importância da leitura para o aprimoramento da escrita no ensino médio.** Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170601131201>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

MORAES, Francisca Maria de Jesus. **Entrevista Concedida.** I Tempo Comunidade, 2015

OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

O que é cultura. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/cultura/>>. Acesso em: 16 de setembro de 2017.

PCN parâmetros curriculares nacionais, do ensino médio. Linguagens códigos e suas tecnologias/2000.p. 241.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade.** Projeto História. São Paulo, (14), fev. 1997, pp. 1-18.

Projeto Político Pedagógico: E.E.E.M. Dr. Abel Figueiredo. São João do Araguaia- Pará, 2016/2017/2018.

Receita Culinária. IN: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em:<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Receita_\(culinária\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Receita_(culinária))). Acesso em: 09 jan. 2017.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa.** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília

SILVA, Cleina Souza da. SILVA, Lucas Mateus Santos da. **Pesquisa Socio-Educacional I: Histórias Locais do PA Castanhal Araras.** I Tempo Comunidade. 2015.

SILVA, Cleina Souza da. SILVA, Lucas Mateus Santos da. **Pesquisa Socio-Educacional II: Práticas pedagógicas escolares e práticas não escolares pedagógicas do PA Castanhal Araras.** II Tempo Comunidade. 2016.

SILVA, Cleina Souza da. **Pesquisa-Observação: 4º Tempo Localidade.** Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Junho/2017.

SILVA, Cleina Souza da. **Pesquisa-Observação: 6º Tempo Localidade.** Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Julho/2018

SILVA, Keila Sousa da. **Pesquisa-Observação: 6º Tempo Localidade.** Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Maio/2016.

SILVA, Keila Sousa da. **Relatório da Pesquisa de Estágio Docência III: Ensino Médio** do VI Tempo Comunidade. V Tempo Comunidade. 2016.

SILVA, Keila Sousa da. **Pesquisa-Observação: 4º Tempo Localidade.** Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), setembro/2014.

SILVA, Keila Sousa da. **Pesquisa-Docência: 5º Tempo Localidade.** Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), JUNHO/2015.

SILVA, Keila Sousa da. **Práticas com Matemática e Gêneros Textuais no Contexto da Educação do Campo: produção de cupuaçu no Assentamento Castanhal Araras.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Marabá, 2018.

SILVA, João Marcio Palheta da. **Organização e Estratégia de Comercialização da Produção no Município de São João Do Araguaia/Sudeste Do Pará/Brasil: O Caso dos Castanhais Ubá e Araras.** Curitiba, pp. 1-6, 1994.

SILVA, Raimunda Luisa Santos da. **Entrevista concedida.** I Tempo Comunidade, 2015.

SILVA, Raimunda Maria Santos da. **Agricultura familiar e os antigos castanhais: estratégias de manejo produtivo das famílias do Projeto de Assentamento Castanhal**

Araras / Raimunda Maria Santos da Silva; orientadora, Andréa Hentz de Mello. — Marabá: [s. n.], 2018. 106 f.

SOBRINHO, Antonio de Castro. **Entrevista Concedida**. I Tempo Comunidade, 2015
SOUZA, João Rodrigues de. **Entrevista Concedida**. I Tempo Comunidade, 2015.

Telmo e Tula, desenhos animados; **Telmo e Tula - Receita biscoitos de chocolate –
desenhos para cozinhar com crianças**. Disponível
em:<<https://www.youtube.com/watch?V=X0TK8BJXM3A>. Acesso em: 01 nov. 2016.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; FREIXO, Alessandra Alexandre. **Educação Do Campo e
Memória De Velhos: Navegando Entre o Passado e o Presente**. Revista Contrapontos -
Eletrônica, Vol. 11 - n. 1 - p. 14-23 / jan-abr 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores
Associados, 1986, pp. 1-108.

THOMPSON, Rogéria Ferreira Ramos Atouguia. **Memória e Esquecimento, Experiência e
Tempo**. Revista UNIABEU, V.10, Número 25, maio-agosto de 2017.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História
Oral e as memórias**. Projeto História, São Paulo, (15), abr. 1997, pp. 1-33.

APÊNDICES

Coletânea de Memórias do PA Castanhal

Araras



Ronildo Silva de Souza, 6º ano

Apresentação

Caro (a) leitor (a), esta coletânea de memórias é uma devolutiva à comunidade Castanhal Araras, localizada no município de São João do Araguaia, a 52 km de Marabá. Esta foi desenvolvida em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Cordeiro da Silva e a turma do 6º ano, durante a jornada do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

Maria Clara Silva Santos, 6º ano

Luta pela Terra

Eles vieram e se acamparam na frente do INCRA e passaram 6 meses acampados lá dormindo em rede. Aí o INCRA ofereceu lote ou dinheiro, eles escolheram lote e outros escolheram o dinheiro. Era cerca de 250 famílias e 92 escolheram lote e vieram para cá e aí que fizeram o Castanhal Araras e construíram a escola José Cordeiro da Silva e vieram morar aqui.



Ana Maria Santos da Conceição, 6º ano

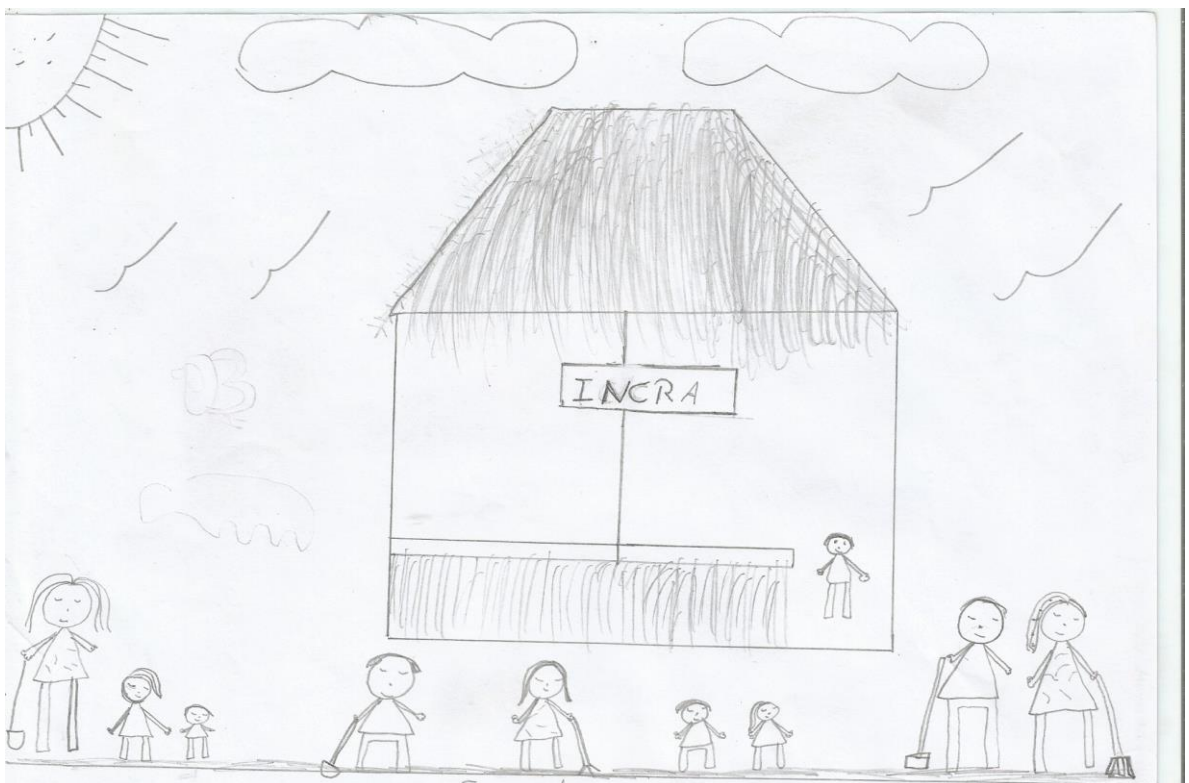


Emilly Kelly de Oliveira Fernandes, 6º ano

“Esse lugar ele surgiu do, do seguinte. A, um grupo de pessoas estavam acampado lá no, no Mãe Maria, uma localidade lá que pertencia aos índios. E aí como não teve nego... Negócio, não teve acordo pra que essas pessoas ficassem lá. Elas vieram e acamparam né, se organizaram e vieram acampar no INCRA. Aí então o INCRA teve que procurar um local pra colocar essas pessoas, porque não tinha condição de voltar lá pra área lá que era indígena. Então as pessoas passaram lá, sete meses no INCRA, acampado, enquanto se negociava essa localidade. E aí foi a partir daí que encontraram essa, essa fazenda aqui e, foi comprada, demarcada e entregue, as pessoas que estavam lá no INCRA”. (Entrevista:

É, em 87, a gente, junho de 87 a gente se mobilizamos a comunidade como ocupante, pra pressionar o governo pra conseguir um pedaço de terra. Ocupamos, acampamos no INCRA e ficamos lá por seis meses, seis meses até vim pro assentamento. Então a história da ocupação do Mãe Maria se deu até 87, em 87 como o governo realmente não tinha condições de dar, passar a terra do Mãe Maria, a propriedade pra gente, a gente pressionou o governo pra ele, que ele comprasse outra área, desapropriasse outra área pra assentar as famílias. Foi daí que a gente ocupou o INCRA e ficamos lá por seis meses até o governo desapropriar o assentamento araras, a, a área do assentamento araras e, locar pra, pro assentamento. Então a ocupação do Mãe Maria, realmente ela aconteceu pra poder pressionar a chegar o araras, em 87 pra poder haver o assentamento. O a, o sonho da família era conseguir um pedaço de terra pra criar família, inclusive eu e a minha esposa que na época a gente ainda, ainda estava junto, a gente conseguiu um pedaço de terra e fomos assentados pelo o INCRA, do, em, em dezembro de 87, na região do, já do município de São João do Araguaia, não mais de Marabá porque, a área já pertencia a, o município de São João. (Entrevista: Raimundo Barbosa, 2015, p. 08)

Ana Maria Santos da Conceição, 6º ano



Estradas

Antes não tinha estradas, era tudo cheio de mato. Mas os moradores conseguiram de pouquinho eles ajeitaram toda comunidade e conseguiram com jeito uma maquina para fazer as estradas. Foram também no INCRA e conseguiram fazer uma estrada, mas antes disso teve muita discussão.

Ana Luisa Silva e Silva, 6º ano

Algumas estradas como daqui do Araras até lá no rio Araguaia. O que eu entendi é que eles tinham algumas estradas e ainda conseguiram fazer as outras estradas pela prefeitura. Quando eles vieram do Mãe Maria pro Castanhal Araras, que tem esse nome porque tinha muita arara e castanha. No passado tinha a escola de palha e agora tem a escola que tem telhas e ventilador, no presente está tudo moderno.



Bruno Vieira Dias, 6º ano

As estradas foram, foram conseguidas através do INCRA. O INCRA é desapropriou a área pra fazer o assentamento, isso é em, ainda em 87, no começo de 87 e aí logo depois, em dezembro de 87 a gente se mudou pro assentamento, já com a área já estrada uma parte já feita, porque não, não tinha sido é, terminado a, a, todas as estradas; até pelo o sufoco do acampamento a gente, todos, todo mundo decidimos ir pro assentamento porque a gente não agüentava mais acampamento. E, a partir da hora que o INCRA fez as estradas, a gente já mudou todo, todas as famílias pra dentro do assentamento e fomos trabalhar as no, os, os nossos esforços, fazendo barraca e tal, pra já morar dentro do assentamento. (Entrevista Sr. Raimundo Barbosa, 2015, p. 08)

Vanessa da Costa Alves, 6º ano

Educação

No tempo de 1987 os moradores construíram duas escolas de palha para estudar todos. Uma sala funcionava do 1º ao 4º ano, porque tinha poucos alunos. Em 1991, a Vale construiu essa escola chamada José Cordeiro da Silva. Essa escola evoluiu muito, agora ela tem banheiros e a cantina que tem as ótimas cozinheiras. No turno da manhã é a dona Antonia e no turno da tarde é a dona Martalene, que cozinham e servem. Tem o pátio para merenda, brincar, jogar dama, tem os bebedouros. As salas de manhã tem aula do 1º ao 5º ano, já de tarde do 6º ao 9º ano, com professores variados.



Ricardo Alves de Sousa, 6º ano

“Ah, ela veio por o, o, os próprios filhos dos assentados. A gente foi começando devagarzinho. Aqui foi começado dar, dar, dar aula aqui em barraquinho improvisado. Aí depois foi, foi aumentando os colégios, hoje a gente tem colégio construído. Tem, tem transporte pra, pra carregar os alunos. Hoje melhorou tudo, em vista quando a gente logo quando chegou tá bem, bem melhor hoje.” (Entrevista: Antonio de Castro Sobrinho, 2015, p.06)

Bruno Vieira Dias, 6º ano



Saúde

Naquele tempo não tinha hospital, só tinha um barraco de palha que as pessoas ficavam. Tinha muita gente doente, algumas deitadas na rede e outras na cama. Naquele tempo era muito difícil, muitas pessoas morreram. Eu acho que a saúde vem em primeiro lugar, é tudo na vida.

Fabício dos Reis Santiago Feitosa, 6º ano

Na, no começo da, do assentamento o Araras sofreu muito com a questão de doenças, principalmente a malária, que a malária foi muito pesada no começo do assentamento; o po, até porque nós, foram, foram abertas todas as estradas e nós viemos pra cá logo que abriu e aí foi uma epidemia muito forte de doenças nessa, nessa época. Mas daí pra cá de uns 03 anos depois pra cá, graças a Deus a gente tem, a, a, não existe malária no Araras, graças a Deus não existe né. Então mas, sempre a gente tem um cuidado de está acompanhando pra saber como é que está essa questão da, da saúde e do acompanhamento nisso. (Entrevista: Raimundo Barbosa, 2015, p. 14)



Ana Livia Soares Brito, 6º ano

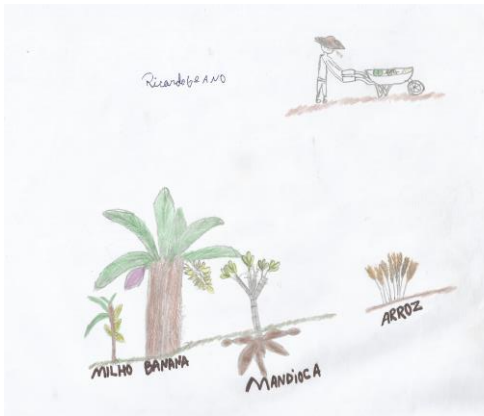
Olha, com referência as doenças da comunidade a gente pode comemorar porque a nossa região aqui era muito, era muito infectado através da malária. Então, foi um período amargante mesmo na nossa região no início. Então, perdemos vários companheiros pela malária, muitas famílias foram muito mal tratada, muito mal tratada mesmo pela malária, malária braba mesmo. Então, hoje não existe mais malária ela foi extinta da nossa região

graças a Deus e hoje a vez, de vez enquanto ainda tem uma enfermeira que vem consulta as pessoa, tem o agente de saúde que ajuda a combater isso, a prevenir visitando as casa orientando tal, graças a Deus a gente nunca teve um foco de dengue aqui. Então isso pra gente é uma benção. Então, em nível de saúde a gente ta mais ou menos equilibrado. (Entrevista: Raimundo Conceição da Silva, 2015, pág. 10)



Bruno Vieira Dias, 6º ano

Produção na comunidade



Ricardo Alves de Sousa, 6º ano

Antes a produção da comunidade tinha milhos, castanhas do Pará, cupu Açú, geléia, doce de cupu, cacau. Agora tem mais coisas, tipo: açaí, cupu, laranja, coco, cana e muitas outras coisas. Quando chegaram ao Castanhal Araras tinha muita castanha do Pará e araras e depois construíram casas, estradas, escolas. Tem também os animais como: vaca, cavalo, boi, bezerro, etc.

Ana Livia Soares Brito, 6º ano

“Aqui hoje nós estamos produzindo. A gente tem aqui as criação: porco, galinha, ovelha. Tem um pouco de gado e a gente produz alimentação pra comer: cereais, arroz, feijão, milho. A, a gente tá. Hoje a gente tem um sitio, a gente faz polpa de fruta. Distribui nos próprios colégios mesmo, parte dela. Enfim, a gente tá vivendo, né. Maneira de viver”. (Entrevista: Antonio de Castro Sobrinho, 2015, p.04 e 05)

“O que mais a gente produz aqui? Hoje... O que tá produzindo mais hoje aqui é as frutas. E... Cereais mesmo a gente planta mesmo só mesmo pra despesa mesmo. E as criação é, pra ajudar também, né. Faz parte da família também. Sobrevivência.” (Entrevista: Antonio de Castro Sobrinho, 2015, p.09)



Ricardo Alves de Sousa, 6º ano

Conclusão

A memória coletiva dos moradores torna-se uma narrativa de suas histórias de vida e luta, compartilhando sua experiência vivida coletivamente. Trata-se não somente de uma lembrança, mas algo que serviu para ajudá-los a se tornar os seres que são hoje, como afirma Thompson (2017):

Essa constituição de memória coletiva passa pela narrativa de um e outro, tornando, assim, essa memória como algo a ser compartilhado na forma de experiência vivida, não se tratando somente de um recontar acontecimentos do passado (...) (THOMPSON, 2017, p. 06)

Com isso, não devemos deixar que certas histórias e memórias passem por um processo de apagamento. Principalmente quando se trata da história local, suas lutas enfrentadas no começo de tudo, pois a memória serve pra narrar algo que já aconteceu, construindo a identidade social dos envolvidos, como afirmam Teixeira, Freixo (2011):

Sendo assim, a memória poderia ser também o reviver sensações, experienciar novamente e também narrar, recontar para reviver. Sem falar na construção de identidade social, relação com o outro e o meio em que vivemos. (TEIXEIRA; FREIXO, 2011, p.04)

Referências

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; FREIXO, Alessandra Alexandre. **Educação Do Campo e Memória De Velhos: Navegando Entre o Passado e o Presente**. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 11 - n. 1 - p. 14-23 / jan-abr 2011.

THOMPSON, Rogéria Ferreira Ramos Atouguia. **Memória e Esquecimento, Experiência e Tempo**. Revista UNIABEU, V.10, Número 25, maio-agosto de 2017.

Sequencia Didática (1º estágio)

PROJETO DE INTERVENÇÃO: Práticas socioculturais envolvendo a matemática e gêneros textuais em classe de multisseriado

EIXO TEMÁTICO: Receitas culinárias das comidas típicas da comunidade Castanhal Araras

ESCOLA: E.M.E.F. José Cordeiro da Silva

DISCIPLINA: matemática e língua portuguesa

TURMA: multisseriada (3º, 4º, 5º ano)

TEMPO DE AULA: 20 horas aula

DIRETORA: Linda Pereira Soares

DISCENTES: Cleina Souza da Silva, Lucas Mateus Santos da Silva, Keila Sousa da Silva (colaboradora).

CONTEÚDOS:

Matemática:

Medidas de massa, capacidade, tempo.

Frações.

Língua portuguesa:

Leitura, interpretação e compreensão de textos instrucionais.

OBJETIVOS:

Fazer um levantamento das comidas típicas da comunidade Castanhal Araras

Pesquisar e registrar como as comidas típicas da comunidade são preparadas para consumo.

Selecionar uma receita para leitura e interpretação, observando indícios que indicam a estrutura de um texto.

Reconhecer um texto instrucional, identificando sua finalidade e localizando informações.

Compreender a necessidade de medir em situações do cotidiano e reconhecer a importância das medidas.

Identificar e utilizar as unidades de medidas usadas para medir massa, capacidade e tempo presente no gênero textual receita culinária.

Conhecer procedimentos e utilizar instrumentos de medidas não padronizadas na resolução de situação-problema.

Resolver situações problemas envolvendo as unidades de medidas utilizadas nas receitas culinárias.

Construir um mural com todas as receitas trazidas pelos alunos

Selecionar e preparar uma receita juntos com alunos

Produzir um livro de receitas culinárias.

METODOLOGIAS:

Aula dialogada

Video-aula

Aula pesquisada

Aula registrada em um caderno de bordo

Leitura de textos instrucionais

Exposição de mural

Aula escrita

Resoluções de atividades propostas

Aula prática (medidas de massa e tempo)

AVALIAÇÃO:

No decorrer das etapas previstas

Participação nas atividades proposta

Desempenho

Respeito com o outro

Coletividade

Auto-avaliação

ETAPAS:

1ª etapa:

Conversar com os alunos, que em toda comunidade existe uma cultura, e as comidas típicas é um tipo de cultura adotada pelas pessoas que ali vivem, quando faladas ou escritas é uma forma de comunicação e interação que auxilia o homem na sociedade, assim tornando

receitas culinárias. Assistir um vídeo ou filme que mostre às comidas típicas da cultura de alguma comunidade.

Receitas culinárias é um gênero textual muito antigo, repassado, na maioria das vezes, de forma oral, de mãe para filha (o), de avó para neta (o), de amiga para amiga (o), quase sempre como algo especial de família. As receitas são quase sempre memorizadas por quem as prepara e quando são repassadas adiante, geralmente acontece de forma oral.

Pedir pra que falem algumas receitas culinárias preparadas por sua mãe, tia ou avó, mas que seja com receitas com a maioria de ingredientes produzidos na comunidade. Anotando-as.

2ª etapa:

Propor que eles conversem com suas mães, ou para quem faz as comidas na sua casa, para saber como é feita cada prato típico da comunidade, assim registrando passo a passo cada momento que se é realizado, e lembrando que não pode esquecer o nome de quem prepara o prato, depois de todas as receitas pesquisadas pedirem que cada um fale o nome das receitas que trouxeram, assim fazendo a separação das doces e salgadas.

3ª etapa:

Dividir a turma em grupos, cada grupo selecionar uma receita para copiar em um cartaz, para lerem em voz alta assim reconhecendo um texto instrucional, identificando sua finalidade e localizando informações.

4ª etapa:

Compreender a necessidade de medidas em situações do cotidiano e reconhecer a importância das medidas, mostrando que para fazer uma receita, precisamos utilizar algumas medidas não convencionais, como colheres de sopa, sobremesa, chá, xícaras, copos, pitadas. Utilizar recursos de medições como a balança, para padronizarmos essas medidas não convencionais. Propor situações problemas envolvendo medidas de massa, capacidade e tempo.

5ª etapa

Cada aluno deverá selecionar 3 receitas que os colegas trouxeram e copiá-las, seguindo a mesma estrutura de organização, todas deverão ser ilustradas de modo criativo, auxiliando a compreensão das orientações depois juntamente com a professora montar um mural para

exposição. Sendo que no dia da exposição as protagonistas das receitas estejam presentes na exposição.

6ª etapa

Selecionar uma receita junto com os alunos, e perguntar se a mãe de algum estaria disposta a preparar a receita juntos com alunos na cozinha da escola assim revisando oralmente, mostrando na pratica as medidas não convencionais que são utilizadas nas receitas e a estrutura passo a passo sendo desenvolvida, e dispondo de todo o modo de higiene para preparar um prato típico. Depois sendo deliciados pelos alunos. Resolver situações problemas envolvendo as unidades de medidas utilizadas nas receitas culinárias.

7ª etapa

Produção de um livro de receita culinária com todas as receitas trazidas pelos alunos.

Sequência didática (3º estágio)

IDENTIFICAÇÃO

Eixo temático: Cultura, interdisciplinaridade e saberes escolares.

Tema: A produção de cupuaçu e os conhecimentos empíricos.

Escola: Municipal de Ensino Fundamental José Cordeiro da Silva.

Estagiaria: Cleina Souza da Silva

Turma: 6º e 7º ano.

Turno: Vespertino.

Situação problema: Como ensinar a Língua Portuguesa e a interdisciplinaridade no ensino fundamental II utilizando a cultura local, no caso à produção de cupuaçu, de uma determinada comunidade?

Problemática:

O que é cultura?

A cultura local pode ser utilizada como ferramenta de ensino-aprendizagem?

Os alunos conhecem as diferentes culturas existentes na localidade?

Como o conhecimento na produção do cupuaçu vem contribuir na formação escolar?

Como podemos trabalhar a interdisciplinaridade e os conhecimentos empíricos utilizando a cultura local?

Justificativa

No decorrer do Estágio I (observação), percebi que a cultura local não estava sendo trabalhada em sala de aula. Era utilizado apenas o livro didático no ensino. Por conta disso, elaborei esse projeto para que a cultura local seja reconhecida pelos alunos e que eles aprendam a dar valor à mesma. Ao mesmo tempo será uma forma de manter o vínculo comunidade-escola, para que juntos aprendam, a não deixar esses traços culturais oriundos do processo de migração acabar.

Objetivo geral

Ensinar a Língua Portuguesa valorizando a cultura local e as práticas culturais na produção do cupuaçu, através dos conhecimentos empíricos, possibilitando a melhoria do conhecimento na escola do campo.

Objetivos específicos

- Identificar os vários tipos de cultura existentes na comunidade;
- Conhecer o contexto histórico do cupuaçu;
- Selecionar um texto sobre a cultura para leitura e interpretação;
- Realizar uma produção textual de acordo com o tema “cultura local”;
- Fazer uma visita a propriedade de um agricultor da comunidade para conhecer o plantio de cupuaçu;
- Elaborar uma história em quadrinhos, de acordo com que foi visto na propriedade sobre o cupuaçu;
- Produzir uma cartilha com todas as atividades realizadas (devolutiva).

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Português

- Leitura e interpretação de texto;

- Produção textual relacionado à produção de cupuaçu.
- Ditongos e hiatos/accentuação dentro do contexto do cupuaçu

Matemática:

- Geometria: cálculo de área, volume, massa, perímetro, formas e figuras geométricas;
- Fração e números decimais.

Ciências Naturais

- Os tipos de solo;
- Os tipos de clima e o clima local;
- Os tipos de vegetações e a vegetação local.

Geografia

- Espaço geográfico;
- Cartografia: leitura de mapas, produção de mapa localizando os sítios de cupuaçu.

História

- História local da comunidade;
- Contexto histórico do cupuaçu.

Metodologia

Durante o Estagio a metodologia utilizada envolvera a turma num trabalho interdisciplinar, fazendo com que os envolvidos consigam realizar todos os objetivos propostos, tanto em sala de aula, quanto em atividades extraclasse. E todo o trabalho será dividido em etapas, de acordo com os objetivos.

- Aula dialogada;
- Trabalho coletivo;
- Visita ao lote de um agricultor;
- Aula dialogada e explicada;
- Aula escrita;
- ‘Leitura de textos;
- Resolução de atividades propostas;

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro branco;
- Pincel;
- Livro didático;
- Data show;

- Notebook;
- Papel A4;
- Fotocópia;
- Régua;
- Caneta;
- Lápis;
- Caderno de textos;
- Câmera fotográfica
- Entrevistas semi-estruturada.

MÉTODO AVALIATIVO

- Frequência e participação no desenvolvimento das atividades;
- Exercícios em classe e extraclasse;
- Processual no decorrer das aulas;
- Respeito com o outro;
- Coletividade.

ETAPAS:

1º etapa: Conversar com os alunos sobre o projeto e apresentar a proposta; em seguida começarei a falar sobre cultura, mostrar que em todo lugar existe cultura e que onde eles moram não é diferente. No PA Castanhal Araras tem varias culturas, mas iremos trabalhar a produção do cupuaçu. Vamos ler um texto sobre cultura para eles ficarem por dentro do assunto.

Pedir para citarem algumas culturas que eles conhecem.

2º etapa: Vamos ler e escrever no caderno um texto em coletivo sobre o contexto histórico do cupuaçu. Perguntar se os pais têm algum plantio de cupuaçu e se eles sabem como é feito esse plantio, quanto custa o quilo da polpa.

3º etapa: Alguns alunos sabem um pouco da historia da comunidade, mas a maioria não tem esse conhecimento. Irei falar um pouco da historia da comunidade, explicando como foi criado o assentamento e como surgiram essas culturas na localidade.

4º etapa: Iremos copiar o texto do contexto histórico do cupuaçu, em seguida, faremos a leitura e depois farei um questionário no quadro para eles responderem de acordo com o texto lido.

Logo depois dessa atividade vou pedir para eles elaborarem uma produção textual com o tema “a produção do cupuaçu”.

5º etapa: Iremos fazer uma visita à propriedade de um agricultor da comunidade, para que os alunos conheçam o plantio de cupuaçu, como é feita a produção; para eles ficarem cientes de todo esse processo.

Após a visita, pedirei a eles para elaborarem uma historia em quadrinhos de toda essa produção que foi visto na propriedade.

6º etapa: Produzir uma cartilha de todas as atividades realizadas.

Plano de Trabalho Discente em Pesquisa VII/Docência IV

TEMA: Trabalho e Juventude

TÍTULO DO PLANO DE TRABALHO: Transporte escolar: políticas públicas de oferta de Ensino Médio aos sujeitos do campo de São João do Araguaia

Orientador: Prof^ª. Maria Cristina Macedo Alencar

Equipe executora do projeto:

Discente	Área do conhecimento	Município	Comunidade	Escola de realização do projeto
Cleina Souza da Silva	Letras e linguagens	São João do Araguaia	PA Castanhal Araras	E.E.E.M. Dr. Abel Figueiredo
Lucas Mateus Santos da Silva	Matemática			

Problemáticas

Em função da quantidade de alunos, por que não há uma escola do Ensino Médio no campo, refletindo as políticas públicas da educação em São João do Araguaia?

1. Introdução

O projeto de intervenção será realizado no município de São João do Araguaia, na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Abel Figueiredo, na turma do 3º ano período noturno. E tem como base o eixo temático trabalho e juventude como proposta de pesquisa. Tendo como objetivo realizar pesquisa-ação educativa interdisciplinar no ensino médio ou espaços de educação não-formal, tendo o trabalho como princípio educativo e como contexto de formação, bem como buscar colocar como problema de pesquisa a relação entre educação, trabalho e juventude e como a educação do campo pode valorizar e fortalecer essa relação.

O mesmo surgirá a partir de algumas reflexões construídas coletivamente na disciplina de Metodologia Científica relativas ao 6º Espaço Tempo Comunidade, tendo problemáticas relacionadas à dependência do ônibus escolar pelos alunos das áreas de assentamento atendida pela escola. Com isso, faremos levantamentos de dados sobre quantos alunos são da sede e da zona rural, para depois analisarmos e refletirmos sobre as políticas públicas que envolvem a educação na zona rural.

2. Objetivo Geral:

Realizar pesquisa-ação educativa interdisciplinar no ensino médio ou espaços de educação não formal, tendo o trabalho como princípio educativo e como contexto de formação, bem como buscar colocar como problema de pesquisa a relação entre educação, trabalho e juventude e como a educação do campo pode valorizar e fortalecer essa relação.

3. Objetivo Específico:

- a) Contribuir com reflexões sobre a temática tendo como perspectiva a contextualização e a interdisciplinaridade;
- b) Refletir sobre conhecimentos sociolinguísticos na relação entre trabalho, juventude e educação em espaço escolar e espaços não formais de ensino, na comunidade São João do Araguaia;

- c) Construir proposta de intervenção pedagógica para o ensino das linguagens, tendo a pesquisa como princípio educativo;
- d) Estudar e aplicar objetos de conhecimentos sociolinguísticos na docência no ensino médio;

4. Justificativa

No decorrer do estágio docência III, percebemos que os alunos do Ensino Médio dependem muito do ônibus escolar para chegar à escola. Por isso, resolvemos fazer esse projeto para discutir com a escola e alunos essa dependência e contribuir na reflexão sobre as políticas públicas do município e seus direitos à educação que seja mais próximo de suas comunidades.

5. Metodologia

Língua Portuguesa

Leitura e interpretação de Textos;

Produção de textos;

Debates;

Matemática

Estatísticas;

Geografia

Construção de croqui e leitura de mapas;

Percursos metodológicos

1º passo

Iremos à escola fazer a apresentação do projeto à gestão escolar para que a mesma aprove ou acrescente algumas contribuições, e ainda, faremos a discussão com os professores regentes. Com isso, vamos desenvolver o levantamento de dados com o corpo estudantil, sobre a dependência da utilização do ônibus escolar para deslocar-se à escola. Posteriormente, na disciplina de Matemática faremos a sistematização dos dados em tabelas e gráficos, utilizando o componente curricular estatísticas.

2º passo

Em seguida, faremos a escolha dos conteúdos a ser trabalhado na intervenção, na Língua Portuguesa faremos leitura de textos e produções com os alunos, sempre analisando os dados coletados na pesquisa. Desta forma, será feita nos caminhos metodológicos a contextualização dos conteúdos a partir dos dados coletados anteriormente, para trabalhar de acordo com a realidade dos alunos.

3º passo

Iremos fazer a apresentação da proposta do projeto aos alunos para eles ficarem cientes do que vamos trabalhar. Feito isso, começaremos a realização da intervenção em sala de aula, construindo e produzindo croquis do percurso percorrido por eles até chegar à escola. E por fim, produziremos um material pedagógico para que possa ser utilizado na escola e/ou na comunidade.